

UFAL

FACULDADE DE LETRAS – FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA

ADIVINHE QUEM: TRAÇOS DA ELIPSE EM CONSTITUINTES INTERROGADOS

José Sérgio Amancio de Moura

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
Campus Aristóteles Calazans Simões
Tabuleiro dos Martins
57027-970 – Maceió – Alagoas
Fone: (082) 3214 1640 / 3214 1463

José Sérgio Amancio de Moura

**ADIVINHE QUEM: TRAÇOS DA ELIPSE
EM CONSTITUINTES INTERROGADOS**

Tese de doutoramento apresentado por José Sérgio Amancio de Moura como requisito final para obtenção do título de Doutor em Lingüística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Denilda Moura

Maceió (AL), 2010

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale

M929a Moura, José Sérgio Amancio de.
Adivinhe quem : traços da elipse em constituintes interrogados / José Sérgio Amancio de Moura. – 2010.
104 f.

Orientadora: Maria Denilda Moura.
Tese (doutorado em Letras e Linguística: Linguística) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Maceió, 2010.

Bibliografia: f. 100-103.

1. Linguística. 2. Língua portuguesa – Sintaxe. 3. Elipse em WhP. 4. Traço-wh. 5. Traço focal. 6. Traço - E. 7. Truncamento. I. Título.

CDU: 801.561.7

TERMO DE APROVAÇÃO

JOSÉ SÉRGIO AMÂNCIO DE MOURA

Título do trabalho: "ADIVINHE QUEM: TRAÇOS DA ELIPSE EM CONSTITUINTES INTERROGADOS"

Tese aprovada como requisito para obtenção do grau de DOUTOR em LINGUÍSTICA, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora:



Profa. Dra. Maria Denilda Moura (PPGLL/UFAL)

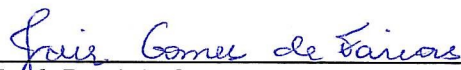
Examinadores:




Profa. Dra. Adna de Almeida Lopes (PPGE/UFAL)



Prof. Dr. Danniell da Silva Carvalho (UFBA)



Prof. Dr. Jair Gomes de Farias (PPGLL/UFAL)



Profa. Dra. Núbia Rabello Bakker Faria (PPGLL/UFAL)

Maceió, 15 de dezembro de 2010.

Esta pesquisa foi financiada por uma bolsa do CNPq.

A Ivanete, minha mãe, a Josie e Jô,
minhas irmãs, e às memórias queridas de
José, meu pai, Mary, minha tia, e Antônia,
minha avó.

AGRADECIMENTOS

Qualquer palavra é pouca para expressar a minha gratidão àqueles que oraram, depositaram sua confiança em mim ou ainda continuaram a me apoiar nesta jornada quando talvez tudo parecesse não dar certo: à minha família, pelo apoio incondicional e constante; ao pastor Edimilson Oliveira e ao Genilson, por terem agidos como homens de fé e guerreiros de Deus; aos meus amigos mais que irmãos Danda, Vítor, Enzo, Jáci, Baiana e Lu, dizer que amo muito todos vocês ainda é muito pouco; aos heróis Abel, Silvana, Vera Lúcia e Patrícia, pelo entusiasmo, alegria e confiança em minha pessoa que fizeram toda a diferença em mim (quero ter a felicidade de um dia agradecer a todos pessoalmente); sobretudo, reservo à Professora Denilda Moura meus AGRADecIMENTOS ESPECIAIS, já sabendo que palavras são insuficientes quando se trata de expressar minha eterna gratidão à sua pessoa; e não menos, a Deus, meu Senhor, por sua graça e generosidade abundantes.

Era então um vazio, que a palavra nem cabia e o verbo não cobria, um vazio tão vazio que nem a gramática e nem a dramática forma do tempo podiam conter, e quando o tempo de lá saía – era um tempo despido, sem quês... sem comos... sem quandos.... só o oco do mundo e um coração vago.

POEMA – Anônimo

RESUMO

Nosso objetivo nesta pesquisa foi analisar quais traços são determinantes para a identificação e o licenciamento de truncamentos em português – a saber, elipses de frases interrogadas ou elipses em WhP. As frases interrogadas ou frases-wh são aquelas sempre legitimadas e encabeçadas por um pronome interrogativo ou pronome-wh e cujas elipse é caracterizada pelo resquício de uma frase-wh encaixada. O fato é que o fenômeno tem sido ainda pouco estudado em português, faltando determinar que traços são fundamentais para a definição dessas elipses em nossa língua. Para tanto, buscamos também através da sintaxe comparada exemplos em línguas como o inglês, que já acumula estudos exaustivos sobre o fenômeno sintático, além de outras línguas como alemão, grego, hebraico, só para citar algumas. O resultado de nossa análise revela que semelhante ao inglês, o português é uma língua que admite dois traços essenciais para o licenciamento e identificação de elipses em WhP, [+wh] que licencia a estrutura elidida, e [+foco] que sobretudo dá uma nova configuração às abordagens que justificam que a elipse em WhP é resultante de operações de movimento. Por fim, a análise de um último traço, o traço-E, uniforme em toda língua que admite truncamentos, se revela como um traço especificamente característico do vazio deixado pela elipse, já que, por um lado, [+wh] e [+foco] são traços que caracterizam o resquício da frase-wh restante após a operação de apagamento, e por outro, E é um traço que caracteriza a estrutura elidida.

Palavras chave: Truncamento, Elipse em WhP, Traço-wh, Traço Focal, Traço-E.

ABSTRACT

In this research we aimed to analyze which features are determining to identify and legitimate Sluicing in Portuguese – namely, ellipsis of interrogative phrases or WhP Ellipsis. Interrogative phrases or wh-phrases are those always legitimated and headed by a interrogative pronoun or wh-pronoun and their ellipsis are featured by a remaining of a subordinate wh-phrase. Indeed, that phenomenon has hardly ever been studied in Portuguese, lacking a determination of which features are essentials to configure WhP ellipsis in our language. Therefore through compared syntax we looked for examples in English, which has already many studies about the subject as well as other languages as German, Greek, Hebrew, only to mention a few ones. Our result shows up that similar to English, Portuguese as well is a language that allows two essential features to identify and legitimate WhP ellipsis, [+wh], that legitimate the elided structure, and [+focus] that mostly brings up a new attribute to approaches which justify that WhP ellipsis is resulted by moving operations. As a final point, the study of a last feature, E-feature, uniform in every language which allows Sluicing, reveals itself as a highly determinant feature of the emptiness left by ellipsis, once [+wh] and [+focus] are features that typify the remaining of wh-phrase after deletion and on the other hand E is a feature that typifies the elided structure.

Key words: Sluicing, WhP ellipsis, Wh-feature, Focus-feature, E-feature.

RÉSUMÉ

Notre objectif dans cette recherche a été d'analyser quels sont les traits déterminants pour l'identification et le licenciement des troncations dans le Portugais - à savoir, les ellipses des phrases interrogées ou les ellipses dans WhP. Les phrases interrogées ou phrases-wh sont celles toujours légitimées et dirigées par un pronom interrogatif ou un pronom-wh dont l'ellipse est caractérisée par le reste d'une phrase-wh encaissée. On remarque que ce phénomène est encore peu étudié en Portugais, mais il faut reconnaître que ces traits sont fondamentaux pour la définition de ces ellipses dans notre langue. De cette façon, nous envisageons aussi à travers la syntaxe comparée analyser des exemples dans des langues telles que l'Anglais, qui accumule déjà des études exhaustives sur ce phénomène syntaxique, et aussi dans des langues telles que l'Allemand, le Grec, l'Hébreu, etc. Le résultat de notre analyse révèle que le Portugais se comporte comme l'Anglais, c'est à dire, il s'agit d'une langue qui admet deux traits essentiels, i. e., l'un pour le licenciement et l'autre pour l'identification de l'ellipse dans WhP : [+wh] qui licencie la structure élidée, et [+focus] qui détermine une nouvelle configuration pour les abordages qui justifient que l'ellipse dans WhP c'est le résultat des opérations de mouvement. Enfin, l'analyse du dernier trait, trait-E, uniforme dans toutes les langues qui admettent des troncations, se révèle comme un trait spécifique, caractéristique du vide laissé par l'ellipse. De cette façon, on a d'une part, [+wh] et [+focus], qui sont des traits qui caractérisent le reste de la phrase-wh après l'opération de suppression, et d'autre part, le trait-E qui est un trait qui caractérise la structure élidée.

Mots-clé : Troncation, L'ellipse dans WhP, Trait-wh, Trait Focal, Trait-E.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO..... | 17 |
| 1.1 Apresentação..... | 17 |
| 1.2 Quadro teórico..... | 19 |
| 1.2.1 O Programa Minimalista..... | 19 |
| 1.2.2 Checagem de traços..... | 22 |
| 1.3 Estrutura da tese..... | 24 |
| | |
| 2 ESTRUTURAS ELÍPTICAS EM PORTUGUÊS..... | 26 |
| 2.1 Despojamento..... | 27 |
| 2.2 Elipse lacunar..... | 30 |
| 2.3 Elipses de VP..... | 35 |
| 2.4 Elipses em WhP..... | 39 |
| | |
| 3. A ELIPSE EM CONSTITUINTES INTERROGADOS..... | 40 |
| 3.1 Truncamento..... | 40 |
| 3.2 Mais bases para a distinção..... | 46 |
| 3.3 Generalização de COMP em truncamentos..... | 49 |
| 3.4 Impossibilidade de efeitos-ilha..... | 51 |
| | |
| 4. ABORDAGENS PARA O LICENCIAMENTO DE ELIPSES EM WHP..... | 54 |
| 4.1 Abordagem de movimento..... | 55 |
| 4.1.1 Movimento-wh..... | 55 |
| 4.1.2 Truncamentos preposicionados, paralelismo de preposições e o parâmetro <i>P-Stranding</i> | 56 |
| 4.1.3 Efeitos de ligação..... | 65 |
| 4.2 Abordagem do IP nulo..... | 65 |

| | |
|--|------------|
| 5. TRAÇOS DO CONSTITUINTE INTERROGADO E ESTRUTURAS AFINS..... | 69 |
| 5.1 Foco em WhP..... | 70 |
| 5.2 Checando os traços [+foco] e [+wh]..... | 72 |
| 5.3 Frases-wh sem traços interrogativos..... | 79 |
| 5.4 Truncamento reverso..... | 80 |
| 5.5 <i>Tags</i> interrogativas são truncamentos ou o quê?..... | 82 |
| 5.6 Frases exclamativas vs. truncamento..... | 87 |
| 5.7 Traço-E..... | 91 |
| | |
| 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 98 |
| | |
| 7. REFERÊNCIAS..... | 100 |

GLOSSÁRIO

Entre uma lista de abreviaturas e/ou um glossário, optei pelo último visando a esclarecer ao leitor leigo não somente acerca da nomenclatura de alguns termos técnicos, específicos à área estudada, mas também uma definição, ainda que breve, sobre cada item da terminologia comum à Gramática Gerativa usado neste trabalho.

Acento Nuclear = ver “Estresse Focal”.

Checagem de Traços = Análise na sintaxe para determinar quais traços de certas categorias serão ou não serão interpretados pela interface. Segundo Chomsky (1995), os traços podem ser parametrizados com os valores “fortes” ou fracos”.

C ou Comp = *Complementizer* ou Complementizador. Núcleo do constituinte ou categoria CP.

Compl = abreviatura em inglês para “complemento”.

Constituinte interrogado = ver WhP.

CP = abreviatura para *Complementizer Phrase* ou Sintagma Complementador, que corresponde às sentenças cujo núcleo (conjunções, pronomes interrogativos) encabeça uma frase subordinada ou encaixada.

C-seleção = Seleção da categoria sintática entre os constituintes.

DP = abreviatura para *Determiner Phrase* ou Sintagma Determinante. Categoria funcional da sintaxe cujo núcleo é ocupado por um determinante (artigo, demonstrativos, pronomes).

Elipses = neste trabalho, assumimos as elipses como toda elisão ou apagamento de uma estrutura cuja recuperação da frase elíptica é possível por causa da relação anafórica entre a estrutura elidida e a frase antecedente.

Elipse em WhP = Elipse em frases interrogadas, ou, truncamento.

Estresse focal = a ênfase atribuída ao núcleo de uma FocP.

FocP = Abreviatura de *Focus Phrase* ou Sintagma Focal. Indica o constituinte ou parte da sentença que acomoda o foco frasal.

Frase interrogada ou frase-wh = ver WhP

Gapping = termo em inglês para “elipse lacunar”.

I ou Infl = *Inflection* ou Flexão. Núcleo do constituinte ou categoria IP, representado pelos afixos da flexão verbal.. I só pode ser combinado com verbos, o que equivale a dizer que I c-seleciona VP.

IP = Abreviatura de *Inflectional Phrase* ou Sintagma Flexional. O IP é a categoria funcional que corresponde às sentenças cujo núcleo é a flexão verbal e que codifica certas propriedades verbais que definem uma sentença como finita ou infinita.

LF = abreviatura para *Logical Form* ou Forma Lógica.

Movimento de T para C = Inversão entre o sujeito e o auxiliar, bastante comum em frases interrogativas em inglês, tais como, “*Are you going to help me, aren't you?*”.

Movimento-wh = movimento que caracteriza a sintaxe das frases interrogadas, especificamente as frases-wh, em que os pronomes interrogativos conferem uma ordem sintática singular. Contrário ao que ocorre em outros domínios frasais, tais pronomes aparecem no início da frase-wh, o que indica o movimento

NP = abreviatura para *Noun Phrase* ou Sintagma Nominal. Diz-se da frase cujo núcleo é o nome.

PF = abreviatura para *Phonetic Form* ou Forma Fonética.

PP = abreviatura para *Prepositional Phrase* ou Sintagma Preposicional. Diz-se da frase cujo núcleo é a preposição.

P-Stranding = termo em inglês para “encalhamento de preposições”. Designa o parâmetro em línguas que permitem o encalhamento de preposições sob operações de movimento.

Sluicing = termo em inglês para “truncamento”.

Stripping = termo em inglês para “despojamento”.

Spec = abreviatura em inglês para “especificador”.

Spell-out = materialização fonética.

Sse = abreviatura para a expressão “se e somente se”.

S-seleção = Seleção semântica entre os constituintes.

TP = abreviatura de *Tense Phrase* ou Sintagma Temporal, categoria funcional de uma sentença que necessariamente contém os traços de tempo, modo e aspecto.

Traço-COMP = traço que indica a restrição de TPs no CP.

Traço-E = Traço que indica a condição de vazio material e fonético deixada pelas elipses.

Traço focal = Traço que expressa o elemento focalizado ou a condição de Foco, presente em muitos casos de elipses.

Traço-Q = toda frase-wh é uma frase interrogativa, mas nem toda frase interrogativa é uma frase-wh, ou frase encabeçada por um pronome interrogativo. Assim, Q é um traço interrogativo geral, aplicados às frases interrogativas, independentes de elas acomodarem ou não o traço-wh.

Traço-wh = traço característico e específico de frases-wh.

Trace ou t = diz-se do vestígio (*trace* em inglês) deixado pelo léxico em sua posição original, quando, em operações de movimento, um constituinte da sentença se desloca ocupando outra posição na sintaxe.

VP = abreviatura para “Verb Phrase”, ou Sintagma Verbal (SV), cujo núcleo é o verbo.

WhP = “Wh Phrase” ou Sintagma Interrogativo. Em inglês, “Wh” é a inicial de muitos pronomes interrogativos (where, what, why, which), razão porque os pronomes interrogativos são também conhecidos por “Wh-pronouns” ou pronomes-wh. Em geral, WhP indica o grupo de frases sempre encabeçadas por um pronome-wh complementizador. Em outras palavras, indica o grupo de frases cujo núcleo é um pronome interrogativo e que geralmente constituem a frase interrogada.

1. INTRODUÇÃO

1.1 Apresentação

As elipses, segundo Merchant (2009), continuam a ser o interesse central de muitos teóricos da língua exatamente por representarem uma situação em que as formas usuais, o mapeamento de sentidos, os algoritmos, as estruturas, e as regras e restrições que em construções não-elípticas nos permitem mapear o som e relacionar o significante a cada sentido correspondente, comportam-se de maneira não usual ou de forma defectiva em estruturas elididas.

Dentre as estruturas elípticas em português, queremos destacar as verbais ou aquelas que sempre incluem em sua operação de apagamento um constituinte verbal: o despojamento; a elipse lacunar; a elipse de VP; e a elipse do constituinte interrogado, também conhecida como truncamento ou elipse em WhP, que especificamente não é tanto e apenas uma elipse verbal, mas uma elipse que permite a deleção de uma frase inteira, podendo ser perfeitamente caracterizada como uma elipse frasal, ou elipse de IP.

No despojamento, a relação anafórica entre o antecedente e o constituinte que sofre a elisão é marcada pela presença de um advérbio na estrutura elíptica, como em (1).

(1) Carla escreveu o relatório, mas o amigo *não*.

Na elipse lacunar, a relação anafórica entre o antecedente e a frase elíptica tem como referência o fato de que o verbo principal da frase ou a sequência de verbos auxiliares e principais são o alvo da elipse.

(2) O pai havia escrito um conto, o filho um romance.

Na elipse de VP, a relação anafórica que caracteriza a deleção tem como alvo de apagamento ou elisão o VP propriamente dito.

(3) Ele foi investigado por seus antecedentes criminais, mas a esposa dele não foi.

Na elipse do constituinte interrogado ou truncamento, a elipse tem como alvo um constituinte interrogado, que deve ser obrigatoriamente licenciada ou legitimada por um termo ou pronome interrogativo (pronome-wh) ou termo/constituinte interrogado (termo-wh).

(4) Paulo chegou ontem, embora eu não tenha ideia COMO.

Estudar este último caso de elipses, qual seja, analisar seu comportamento sintático em português numa abordagem de checagem de traços, sob o escopo do atual modelo de investigação da Gramática Gerativa, o Programa Minimalista, é o objetivo desta pesquisa.

Situada na intersecção de duas áreas intrigantes e bastantes estudadas na gramática gerativa, a saber, elipses e movimento-wh, não é surpresa, como afirma Merchant (2003), que a elipse em WhP tenha sido extensivamente discutida e investigada desde 1969, quando foi analisada, pela primeira vez, por John Ross. Por outro lado, observa-se pouca pesquisa e discussão sobre essas elipses no Brasil ou em língua portuguesa, a não ser o surgimento de discussões ainda incipientes e superficiais sobre o assunto.

Longe de querer esgotar o assunto, esta pesquisa trabalha com questões pertinentes ao tema proposto – e dada a natureza comparativa da sintaxe gerativa, contrapõe dados do português ao do inglês e ao de outras línguas em que as elipses do constituinte interrogado já têm sido amplamente discutidas.

1.2 Quadro teórico

1.2.1 O Programa Minimalista

Nos princípios da década de 1990, o Programa Minimalista surgiu como marco regulador das investigações na Gramática Gerativa. O minimalismo aparece então como o programa que fundamentaria conceitualmente a metodologia das investigações gerativistas, estabelecendo-se, desta forma e propriamente, como programa de investigação e não teoria. Isto é, o minimalismo proporciona o marco conceitual que modula os estudos em lingüística gerativa, sem entretanto oferecer soluções específicas a problemas técnicos já conhecidos ou explicações sobre fenômenos lingüísticos observados. Segundo Chomsky (1995), existem perguntas minimalistas, mas não respostas minimalistas. Ora, isto mostra claramente que o estatuto ontológico do Programa é exclusivamente metodológico-conceitual, constituindo-se ponto de partida, devendo as respostas ser providas pelas análises fundamentadas na teoria que rege as pesquisas em lingüística gerativa.

O conceito de minimalismo fundamenta-se na ideia de que a faculdade da linguagem nos humanos indicia ser um desenho perfeito e dotada de uma extraordinária organização, indicando o funcionamento interno de leis computacionais muito simples e gerais (Chomsky, 2000). É este princípio de economia que regula os estatutos funcionais do Programa. Reiterando a título de melhor compreensão, o Programa Minimalista trabalha com a hipótese de que a Gramática Universal constitui um desenho ótimo, na medida em que só contém o estritamente necessário pra cobrir nossas necessidades conceituais, físicas e biológicas, portanto, na faculdade da linguagem, nada é redundante.

Portanto, o Programa Minimalista é uma exigência metodológica para propor explicações gramaticais mais simples e mais econômicas. Não restam dúvidas de que a ênfase na simplicidade, economia é central no minimalismo, mesmo que simplicidade, economia e elegância tenham sido exigências que a gramática gerativa impôs a si mesma desde o princípio, de acordo com o resto da ciência (Chomsky, 2008). O que Chomsky quis propor é que a explicação lingüística deveria ir para além da mera adequação explicativa, para requerer o desenho de uma teoria sem redundâncias, algo que converte a linguagem em um objeto bastante único no mundo biológico, como reconhece Chomsky (2008).

Teoricamente, e dentro do contexto da gramática gerativa, o Programa Minimalista nutre-se dos enfoques teóricos da Abordagem dos Princípios e Parâmetros, considerado o único modelo teórico regular do gerativismo, e desenvolvido ao longo da década de 1980. O minimalismo assume como ponto de partida o fato de que a diversidade das línguas se deve à interação entre esses princípios e parâmetros. Nessa abordagem, a Gramática Universal é constituída por dois tipos de princípios: os princípios universais, rígidos e válidos para todas as

línguas, como o de que as orações das línguas humanas têm uma forma base (S + V); e os princípios abertos e flexíveis, os parâmetros, a variação propriamente dita de língua para língua, como o parâmetro do objeto nulo (uma língua pode permitir que o objeto esteja foneticamente nulo ou não), ou parâmetro do movimento de auxiliares (uma língua pode permitir que o verbo auxiliar se mova para antes do sujeito em frases interrogativas).

O Programa Minimalista tem como objetivo saber o quanto desse modelo de Princípios e Parâmetros é resultado do hipotético desenho perfeito e computacionalmente eficiente de nossa faculdade da linguagem (Chomsky, 2001). A versão mais desenvolvida dos Princípios e Parâmetros, a teoria da Regência e Ligação (*Government and Binding*) proporciona os princípios especificamente técnicos a partir dos quais se propõe o Programa Minimalista.

Por um lado, o minimalismo assume a ideia de que a diversidade entre as línguas ocorre a partir da interação entre os princípios e parâmetros. Por outro lado, outra ideia básica é a caracterização das sentenças lingüísticas como unidades sintáticas básicas, resultantes de combinação de sons e significados, sendo potencialmente infinitas; essas sentenças são construídas a partir de frases, ou sintagmas – em um sentido funcional, e são portadoras de propriedades de movimento (alguns elementos são interpretados como ocupando uma posição na sintaxe diferente daquela que comumente ocupam).

Outra novidade é que o Programa Minimalista só admite dois níveis de representação, o de LF (Forma Lógica) e o de PF (Forma Fonética). A operação irreduzível que se pretende mostrar seria aquela que relaciona ambos os níveis, um processo lingüístico concebido de forma simples e não-complexa (Chomsky, 2004). Nesse sentido, o mínimo que se deve ter é um mecanismo para gerar infinitas

orações e materializá-las foneticamente através de grupos de sons associados aos seus respectivos conceitos. Isso quer dizer que temos ao menos três componentes sistemáticos: um sistema de conhecimentos (a concorrência) formado pelo léxico e pela sintaxe e que alimenta os outros dois sistemas de atuação; o sistema articulatório-perceptual (AP), que interpreta as instruções para a emissão do enunciado; e o sistema conceitual-intencional (CI), que interpreta as instruções para a composição lógico-semântica. A relação entre a sintaxe (sistema computacional) e os sistemas de atuação se produz através dos dois níveis de representação: a Forma Fonética (PF), o conjunto de instruções que interage com AP, e a Forma Lógica (LF), o conjunto de instruções que interage com CI. ¹

1.2.2 Checagem de traços

No modelo de Regência e Ligação, os movimentos, como os observados em frases interrogadas, eram explicados através da operação *Mover- α* e de certas condições sobre a Estrutura Superficial (SS). No Programa Minimalista, o movimento deve-se a necessidade de checar quais traços de certas categorias serão ou não serão interpretados pela interface.

De uma forma geral, os verbos e os DPs são dois bons exemplos dessas mudanças ocorridas com o surgimento do Programa Minimalista. Neste caso, destacamos a hipótese de que o verbo e os DPs se movem na sintaxe, não para conseguir os afixos flexionais e o Caso, respectivamente, mas para checarem as

¹ Este desenho simplifica notavelmente o modelo anterior ao eliminar níveis intermediários como a Estrutura Profunda (DS) e a Estrutura Superficial (SS), concebidas como cruciais desde o início da Gramática Gerativa.

marcas morfológicas já selecionadas previamente no léxico. Assim, tanto o verbo como o DP checam seus traços em algum ponto da derivação, dado que, como já expomos anteriormente, com o Programa Minimalista, deixam de existir dois níveis de representação pertinentes a modelos anteriores de investigação: a Estrutura Profunda e a Estrutura Superficial.

Chomsky (1995) propõe que os traços podem ser parametrizados com o valor “forte” ou “fraco”. A checagem de traços pode ocorrer antes ou depois do *Spell-Out* (materialização fonética). Ela ocorre antes do *Spell-Out* se os traços forem fortes, sendo visível o movimento dos elementos na PF. Se os traços forem fracos, os elementos checarão seus traços somente na LF; o movimento não é então visível na PF.

1.3 Estruturação da tese

As elipses em WhP, conhecidas como elipses em frases interrogadas ou truncamentos foram o foco de nossa pesquisa neste trabalho. Assim, este trabalho foi estruturado em quatro partes fundamentais: primeiramente, no capítulo intitulado “Estruturas Elípticas em Português”, destacamos algumas estruturas elípticas

geralmente referenciadas pelo fato de se constituírem elipses de VP ou de IP, sobre as quais procuramos descrever certas propriedades que as distinguem. No capítulo denominado “A Elipse em Constituintes Interrogados”, focamos exclusivamente os truncamentos, destacando como o licenciamento de elipses em frases interrogadas a partir de um termo-wh traz alguns efeitos e restrições como a legitimidade das elipses apenas quando encabeçada por um elemento interrogativo, a impossibilidade de efeitos-ilha e alguns princípios relevantes como o princípio dos efeitos do traço-COMP em truncamentos.

A seguir, no capítulo “Abordagens para o Licenciamento de Elipses em WhP”, quisemos destacar duas abordagens teóricas que presumem uma estrutura interna para a localidade das elipses: as análises que situam o truncamento como um movimento-wh seguido de elisão do IP; e as análise que situam o truncamento como um IP nulo licenciado por um Comp [+wh] em concordância com seu especificador.

E por fim, mas não menos importante, no capítulo que encerra este trabalho: “Traços do Constituinte Interrogado e Estruturas Afins”, procedemos a uma análise da checagem dos traços que se movimentam na sintaxe de WhP tanto para licenciarem quanto para identificarem as elipses em frases interrogadas. Dois traços foram considerados essenciais para esta análise: [+wh], considerado o traço que identifica as elipses de constituintes interrogados ou o truncamento, e [+foco], traço que licencia as elipses a partir do remanescente ou resquício da frase-wh encaixada que resta após a operação de apagamento ou elisão.

Sobretudo, [+foco] dá uma nova configuração às abordagens que justificam que a elipse em WhP é resultante de operações de movimento, posição também assumida por nós nesta pesquisa. Para a consecução desta análise, seguimos o

referencial do Programa Minimalista de Chomsky aqui pesquisado (2008, 2004, 2001, 2000, 1995, 1994, 1993).

Outras questões também são trabalhadas no capítulo e são originárias das pesquisas sobre o assunto a partir de estruturas que partilham semelhanças com o truncamento ou que poderiam ser considerados casos não canônicos de truncamentos: frases relativas podem licenciar elipses em WhP? *Tags* interrogativas podem ser consideradas truncamentos? Que semelhanças e diferenças frases exclamativas partilham com constituintes interrogados?

Um último traço analisado, o traço-E se revela como um traço especificamente característico do vazio deixado pela elipse, já que, por um lado, [+wh] e [+foco] são traços que caracterizam o resquício da frase-wh restante após a operação de apagamento, e por outro, E é um traço que caracteriza a estrutura elidida.

2. ESTRUTURAS ELÍPTICAS EM PORTUGUÊS

Queremos destacar neste capítulo quatro tipos de estruturas elípticas em português: despojamento, geralmente comuns em frases coordenadas e licenciadas por advérbios ou expressões adverbiais de polaridade; elipse lacunar, comuns em frases coordenadas ou comparativas; elipse de VP, cujo alvo de omissão, obviamente, é o próprio VP; e elipse em WhP – nomenclatura específica para a elipse em constituintes interrogados ou truncamentos, licenciada por pronomes da ordem WH (pronomes-wh ou pronomes interrogativos) e cuja elipse gera um resquício de frase interrogativa.

Duas delas têm sido estudadas exaustivamente por gerativistas durante os últimos 40 anos, elipses de VP e truncamentos, constituindo o cerne das pesquisas sobre elipses, conforme Merchant (2009, p. 2):

VP-ellipsis and sluicing are two of the best investigated instances of ellipsis and generally show remarkable similarities in their licensing requirements, both usually necessitating some equivalent antecedent which is subject to some kind of parallelism. It is no exaggeration to say that debates over the nature of this parallelism have formed the core of most of the generative work on ellipsis over the last forty years.

Entretanto, em língua portuguesa, quase todas estruturas elípticas citadas, com exceção de elipses de VP, ainda carecem de estudos mais extensivos, revelando uma lacuna a ser preenchida por futuras pesquisas. Neste trabalho, nossa análise mais demorada se deteve em uma daquelas que, embora alvo de estudos há mais de 40 anos em outras instâncias linguísticas, de uma certa forma,

tem ocupado o último lugar em termos de análise ou trabalhos sobre elipses já realizados em língua portuguesa, qual seja, a elipse em constituintes interrogados ou truncamento.

2.1 Despojamento

Conhecida como *Stripping* em inglês, o despojamento é uma espécie de elipse frasal referenciada por advérbios como *não*, *sim*, e *também*, chamada por Matos (2003) de expressões adverbiais de polaridade. Ou seja, geralmente a frase elíptica é caracterizada pela presença destes advérbios em relação à frase antecedente. Os exemplos seguintes, de nossa autoria, ilustram melhor esta explanação.

(1) João foi ao supermercado, mas Maria não [-].

[-] = foi ao supermercado

(2) Teresa não comprou o livro, mas a Ana sim [-].

[-] = comprou o livro

(3) Nós assistimos ao filme hoje e eles também [-].

[-] = assistiram ao filme hoje.

Em relação a estes três advérbios, observamos que: em (1) e (3), *não* e *também* são itens lexicais que mesmo diante da redundância das frases dadas

continuam obrigatórios como elementos constituintes da frase como em (4a) e (5a). A ausência desses itens na recuperação da frase elidida torna a construção inaceitável ou agramatical, como em (4b) e (5b).

(4) a. João foi ao supermercado, mas Maria **não** *foi ao supermercado*.

b. * João foi ao supermercado, mas Maria foi ao supermercado.

(5) a. Nós assistimos ao filme hoje e eles **também** *assistiram ao filme hoje*.

b. * Nós assistimos ao filme hoje e eles *assistiram ao filme hoje*.

Já no exemplo em (2), quando recuperamos a frase redundante, a presença do *sim* parece ser facultativa (6) e, se presente, parece ter uma função enfática, como em (7).

(6) Teresa não comprou o livro, mas *a Ana comprou*.

b. ??Teresa não comprou o livro, mas *a Ana comprou o livro*.

(7) Teresa não comprou o livro, mas *a Ana sim, comprou o livro*.

Matos (2003, p. 898) afirma que a “... presença de expressões adverbiais de polaridade é necessária em Despojamento para interpretar o constituinte elíptico como um domínio frásico”. A partir do exposto, assumimos aqui que estes advérbios são elementos legitimadores ou elementos essenciais para o licenciamento das elipses no despojamento.

Segundo López (2000) e Brucart (1999), em línguas como o espanhol, a elipse de VP propriamente não é possível e, dado tal fato, esses autores apontam o despojamento como a única elipse de VP possível em espanhol. Entretanto, há propriedades em português que distinguem estas duas construções elípticas. À primeira vista, o despojamento pode ser caracterizado como uma elipse de VP, pois

todo o predicado, incluindo o próprio núcleo verbal, tais como ilustram os exemplos anteriores, encontra-se elidido.

Porém, a mesma construção ocorre em frases em que é impossível admitir que somente o sintagma verbal encontra-se elidido, conforme os exemplos a seguir, da autoria de Matos (2003, p. 896).

(8) a. A criança não levou livros para a sala e *brinquedos* também não [-].

b. A Paula não comprou um livro à Teresa, mas julgo que ao *Luís* sim [-].

c. A: Hoje vamos ao cinema!

B: *Amanhã* também [-], porque passa um filme excelente na cinemateca.

d. O Luís está lendo na sala, mas ouvindo *música*, não [-]! ²

Em (8), os exemplos dão a entender que o constituinte elíptico deve ser qualificado como uma frase plenamente expandida, onde os constituintes lexicalmente realizados incidem na periferia esquerda do domínio frásico.

Outra propriedade que distingue despojamento e elipse de VP é que só esta última construção ocorre livre de restrições em domínios de subordinação, independente de sua natureza completiva, relativa ou adverbial, como em (9):

² Adaptação de:

i. O Luís está a ler na sala, mas a *ouvir música* não!

Mesmo com a adaptação ao português brasileiro, julgamos que o exemplo só seria possível com uma vírgula antecedendo o elemento de negação “mas *ouvindo música*, **não** [-]!”, já que, por outro lado, em português brasileiro essa posição do elemento de negação, sem a ênfase da pontuação, só seria possível antes do gerúndio:

ii. O Luís está lendo na sala, mas **não** [-] *ouvido música*.

(9) a. Maria está escrevendo uma carta ao Papai Noel, mas Paula acha [*que Luísa não está* [VP -]].

b. Luís não vai comprar livros [*quando você também não vai* [VP -]].

O despojamento encontra-se, porém, limitado a frases completivas complementos de verbo e, requer, adicionalmente, que estas se encontrem em frases coordenadas.

2.2 Elipse lacunar

Caracterizada como elipses de orações coordenadas ou comparativas, esta restrição também limita o *gapping* ou a elipse lacunar a ser considerada totalmente uma elipse de VP.

A elipse lacunar possui como alvo o verbo principal da frase ou a sequência de verbos auxiliares e principais, deixando obrigatoriamente realizados dois constituintes, geralmente argumentos do predicador verbal, envolvendo obrigatoriamente frases com a mesma polaridade. Os exemplos, de nossa autoria, ilustram esta afirmação:

(10) a. Marcos come maçãs e Pedro [-] ameixas.

[-] = come

b. Marcos tem comido maçãs e Pedro [-] ameixas.

[-] = tem comido

c. Marcos poderia ter comido maçãs e Pedro [-] ameixas.

[-] = poderia ter comido

Nos exemplos de Matos (2003), para além destes dois constituintes, ou seja, argumentos do predicador verbal, podem ainda surgir realizados outros argumentos ou adjuntos.

(11) a. A Ana vai à discoteca e a Maria [-] ao concerto

b. A Ana sai à sexta-feira e a Maria [-] ao sábado.

c. A Ana lê romances aos filhos e [a Maria] [-] [poemas] [aos alunos].

d. A Ana lê romances em casa e [a Maria] [-] [poemas] [nas aulas].

e. A Ana lê romances aos filhos em casa e [a Maria] [-] [poemas] [aos alunos] [nas aulas].

Essa última propriedade é o ponto de distinção entre a elipse lacunar e o despojamento, que apenas permite a realização de um constituinte e da expressão de polaridade, conforme (12).

(12) a. A Ana lê romances aos filhos em casa e [poemas] também [-].

b. *A Ana lê romances aos filhos em casa e [na praia] [poemas] também [-].

É possível à elipse lacunar ter também por alvo, além da sequência verbal, outros constituintes, argumentos ou adjuntos do verbo principal, conforme os exemplos em (13).

(13) a. João pede ajuda aos amigos e Maria [-] à sua mãe.

[-] = pede ajuda

b. Clara ensina português aos alunos e Maria [-] matemática.

[-] = ensina aos alunos

c. Paulo vai ao baile cedo aos sábados e Luís [-] aos domingos.

[-] = vai ao baile cedo

d. Nos sábados Helena vai à feira e nos domingos [-] à praia.

[-] = Helena vai

Em (13a), há a incidência da elipse sobre o verbo e seu objeto direto; em (13b), o verbo e o objeto indireto; em (15c) a elipse incide sobre o verbo, seu complemento preposicionado e o adjunto; e em (15 d) são elididos o sujeito e o verbo.

É propriedade da elipse lacunar seu aparecimento típico no interior de frases coordenadas ou comparativas. É bom lembrarmos que as frases comparativas possuem uma estrutura semelhante às das frases coordenadas. Nossos dois exemplos ilustram um e outro caso.

(14) a. Pedro gosta de contar histórias aos filhos e Marcos [-] aos alunos.

b. Pedro gosta de contar mais histórias aos filhos do que Marcos [-] aos alunos.

Em português, assumimos que a elipse lacunar não é um fenômeno típico em domínios de subordinação, formando frases marginais ou agramaticais, conforme ilustramos em (15).

(15) a. * Marcos come maçãs e dizem [*que Pedro [-] ameixas*].

- b. * Marco come maçãs [*quando Pedro [-] ameixas*].
- c. * Marco come maçãs [*se Pedro [-] ameixas*].
- d. * Marco come maçãs com a rapidez [*com que Pedro [-] ameixas*].
- e. * Marco comia maçãs [*onde Pedro [-] as ameixas*].

Entretanto, a elipse lacunar pode abarcar o verbo e os seus complementos frasais sempre que estes constituam um complexo encabeçado pelo verbo finito em cada um dos membros coordenados. Notem dois exemplos nossos (16a, b) em oposição a (16 c) de Matos (2003, p. 903).

(16) a. Pedro deseja ir a Salvador e Paulo [-] ao Recife.

[-] = deseja ir

b. Luís quer falar primeiro e José [-] por último.

[-] = quer falar

c. ?? Os alunos do último ano lamentam ler poemas nas aulas e os do primeiro ano [-] romances.

[-] = lamentam não ler nas aulas

Os exemplos em (16) nos fazem concluir que esse complexo não é possível de ser constituído se o verbo seleciona complementos frasais finitos.

(17) a. * Pedro deseja que Maria vá com ele a Salvador e Paulo [-] ao Recife.

[-] = deseja que Maria vá com ele

b. * Luís quer que falemos primeiro e José [-] por último.

[-] = quer que falemos

Por fim, a elipse lacunar compreende compulsoriamente frases com a mesma polaridade. Para este efeito, devemos notar a gramaticalidade/agramaticalidade das construções frasais em (18).

(18) a. Pedro leu o livro e Clara [-] o romance.

b. * Pedro não leu o livro e Clara o [-] o romance.

c. Pedro não leu o livro nem Clara [-] o romance.

Como mostra (18b), o constituinte elidido não consegue recuperar a polaridade do constituinte antecedente quando este é negativo, requerendo a introdução do item de negação *nem* no segundo termo (18 c), fazendo-nos assumir que itens de negação como *nem* atuam como elementos legitimadores ou de licenciamento das elipses em tais casos. Por outro lado, se a negação do constituinte está inserida no complemento frasal do verbo na frase antecedente, ela é recuperável, conforme exemplo de Matos (2003, p. 909) em (19).

(19) O Luís admitiu não ter comprado o livro e a Maria [-] o jogo.

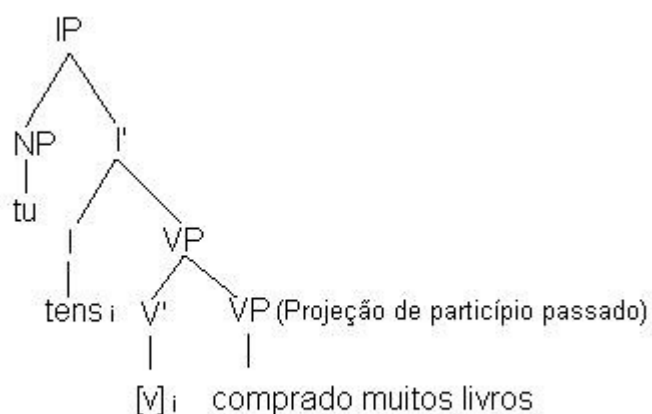
[-] = admitiu não ter comprado.

2.3 Elipses de VP

Nesse tipo de construção, o alvo da omissão é o VP, inclusive o vestígio do elemento verbal que se moveu para I, como mostra a representação em (20).

(20) a. Ele não tem comprado muitos livros, mas tu tens [_{VP} -].

b.



Segundo Matos (2003), nos casos paradigmáticos, em que o elemento verbal na flexão (em I) é um verbo auxiliar, a elipse afeta, além do vestígio do verbo auxiliar ou semiauxiliar deslocado, o predicador verbal e seus complementos. É o que ocorre em (21).

(21) a. Os teus filhos irão passar as férias em Maceió se você também for [VP -].

[VP -] = [v] passar as férias em Maceió

b. Quanto a alguns materiais bibliográficos, foi comunicado que as revistas ainda não foram catalogadas, mas há jornais que já foram [VP -].

[VP -] = [v] catalogadas

c. A. Alguém tem lido a gazeta nos últimos dias?

B. O Luís tem [VP -]

[VP -] = [v] lido a gazeta nos últimos dias

Em sequências verbais tais como em (22), para além dos elementos acima referidos, são também alvos da elipse os auxiliares que não foram movidos para o IP.

(22) a. Ele está sendo investigado pela polícia há algum tempo, mas a esposa dele não está [VP-].

[VP -] = [v] sendo investigada pela polícia (há algum tempo)

b. Os livros têm estado a ser lidos por todos, mas as revistas não têm [VP-]

[VP -] = estado a ser lidas por todos.

A possibilidade de elipse do VP assenta-se fundamentalmente na presença do verbo que seleciona o constituinte elíptico. É esta propriedade que distingue esta construção do despojamento nos casos, em que ambas têm por escopo o predicado verbal – confronte-se (22a) com (23):

(23) Ele está sendo investigado pela polícia há algum tempo, mas a esposa dele não [-].

Desta forma, a elisão do verbo no IP ocasiona a agramaticalidade da frase em todos os domínios sintáticos em que a frase não pode ser re-analisada como despojamento por inexistência dos contextos adequados à sua legitimação. Os exemplos em (24) ilustram esta ideia.

(24) a. * Os teus filhos irão passar as férias em Maceió se você também [-].

b. ?? Quanto a alguns materiais bibliográficos foi comunicado que as revistas ainda não foram catalogadas, mas há jornais que já [-].

O confronto entre os exemplos marginais de (24) e os bem-formados correspondentes em (21a) e (21b), comprova e nos faz concluir que em elipse de VP, o verbo projetado para a flexão tem um papel decisivo na legitimação do constituinte elíptico.

Elipses de VP podem ocorrer com verbos de cópula. Nestes casos, o constituinte elíptico tem por alvo o vestígio do verbo em I, o sintagma predicativo do sujeito (25b), e, opcionalmente, um sintagma adjunto (25c).

(25) (a) Esse cão é um perdigueiro, mas aquele não é [_{VP} -].

(b) Estamos desejosos de saber os resultados dos exames e pensamos que eles também estão [_{VP} -].

[_{VP} -] = [v] desejosos de saber os resultados dos exames

(c) A criança ficou em casa, por estar doente e ele, se não se agasalhar convenientemente, pode vir a ficar [_{VP} -].

[_{VP} -] = [v] em casa, por estar doente

Dado que em português os verbos principais também se elevam para flexão, defendemos que há manifestações de elipses de VP com a realização do verbo principal, uma vez que o vestígio do verbo pode funcionar como o núcleo do VP elíptico, como acontece em (26).

(26) a. Heloísa atribuiu a culpa do desastre ao motorista, porém Teresa não atribuiu [VP -].

[VP -] = [v] a culpa do desastre ao motorista

b. Madalena trouxe o computador para a Faculdade hoje e sua irmã também trouxe [VP -].

[VP -] = [v] o computador para a Faculdade hoje

c. Os teus filhos só passam o fim do ano em Maceió se você passar [VP -].

[VP -] = [v] o fim do ano em Maceió

Este argumento ilustrado em (26) é tanto defendido para o português brasileiro, conforme Mary Kato (1993) e Sonia Cyrino (1997), como para o português europeu, conforme Eduardo Raposo (1986), Gabriela Matos (1992) e Ana Maria Martins (1994).

2.4 Elipses em WhP

Por último, o *sluicing* ou truncamento (elipse em WhP), foco mais apurado de nossa pesquisa, constitui a formação sintática que licencia a elipse em frases-wh (WhP) ou o apagamento do constituinte interrogado, restando apenas o remanescente ou resquício de uma WhP, geralmente um pronome interrogativo que legitima ou licencia a elipse.

É uma elipse mais universal - no sentido de que todas ou quase todas as línguas apresentam o fenômeno, ao contrário de elipses de VP, que encontram mais restrições de ocorrência e não é comum a todas as línguas. O próximo capítulo traz mais detalhes sobre o truncamento.

3. A ELIPSE EM CONSTITUINTES INTERROGADOS

No truncamento, o licenciamento das elipses a partir de um pronome-wh traz alguns efeitos e restrições como a legitimidade das elipses apenas quando encabeçada por um elemento interrogativo, a impossibilidade de efeitos-ilha e alguns princípios relevantes como o princípio dos efeitos do traço-COMP em truncamentos. Tratamos destes assuntos nas secções a seguir.

3.1 Truncamento

O truncamento é formado de duas sentenças conjuntas: a primeira formando o antecedente, a segunda formando a sentença de truncamento. Essa última é formada pela frase matriz e pela frase elíptica, que corresponde à elipse da frase-wh encaixada. O truncamento é identificado a partir da elipse da frase-wh, chamada de frase truncada.³

(1) Pedro está lendo um livro, mas eu não sei qual [IP -].

(2) Alguém pegou meu convite e não sei quem [IP -].

(3) Somebody just left. Guess who [IP -].

³ *Sluicing clause*

(4) John went to the cinema. Guess *who* [_{IP} -] with.

Na maioria dos casos, a frase antecedente possui uma relação anafórica com a WhP elidida, uma vez que o subentendido na elipse pode ser deduzido a partir do antecedente, permitindo a recuperação do material elidido.

(5) Pedro está lendo um livro, mas eu não sei [_{WhP} qual ele está lendo].

(6) Alguém pegou meu convite e não sei [_{WhP} quem pegou meu convite].

(7) Somebody just left. Guess [_{WhP} who left]

(8) John went to the cinema. Guess [_{WhP} who John went to the cinema] with.

O que chamamos em português de truncamento⁴ foi pesquisado pela primeira vez por J. Ross (1969) ainda no final da década de 1960 e se constitui num fenômeno multilinguístico, ou seja, é comum a muitas línguas, ao contrário de elipses de VP, que é restrita a certas línguas como inglês e português, não sendo admissível em espanhol e francês, por exemplo. O fenômeno é encontrado de uma forma ou de outra em muitas línguas, de forma igual às elipses nominais, à elipse lacunar e ao despojamento.

Reiterando a noção sobre tais elipses, no truncamento, conforme Clara (2008), a elipse coincide com a frase e é identificada pelo constituinte interrogado (WhP). Nesta construção, o constituinte elíptico é introduzido por um pronome-wh ou termo interrogativo. Os exemplos em português são de Matos (2003), com as devidas adaptações.

⁴ Em português, há dois nomes co-ocorrentes: *Truncamento* ou *Escoamento*.

(9) a. Alguns vestidos vão ficar logo em saldo, embora não possamos dizer exatamente *quais* [IP -].

[IP -] = (é que) vão ficar logo em saldo

b. Convidei um amigo para jantar. Adivinhe *quem* [IP -]?!

[IP -] = (é que) eu convidei para jantar

c. Luis encontrou a impressora que queria comprar, mas não sei *onde* [IP -].

[IP -] = Luís encontrou a impressora que queria comprar.

d. Ela diz que vai arrumar o quarto. Mas *quando* [IP -]?

[IP -] = (é que) ela vai arrumar o quarto

e. A: Trouxe um presente para a Maria.

B: Pode-se saber o quê [IP -]?

[IP -] = você trouxe para a Maria

Os exemplos ilustram as estruturas em que o truncamento é possível: estruturas subordinadas (9a, b, c) e coordenadas (9d); também “a relação entre a frase elíptica e o seu antecedente pode ser estabelecida através de fronteiras discursivas” (Matos, 2003, p.905), conforme se vê em (9b, d, e).⁵

No truncamento, Schwabe (2001) chama o referencial que permite a recuperação da frase elidida de *relatum*. Posto que a frase antecedente muitas

⁵ Conforme defesa de Matos (2003, p. 905):

Tem sido por vezes sugerido que *Truncamento* pode não ser analisado em termos de elipse. De acordo com esta última posição, os constituintes interrogados constituiriam, por si só, os argumentos e adjuntos das frases em que ocorriam. A favor e contra esta foram apresentados vários argumentos. Gostaríamos de corroborar a análise de Truncamento em termos de elipse, avançando um argumento adicional – a dificuldade de dar contas de frases como [Ela diz que vai arrumar o quarto. Mas quando?], prescindindo de uma elipse frásica. Nestes exemplos, o constituinte interrogativo é sentido como um fragmento textual de natureza frásica, e a estrutura de coordenação opera entre fragmentos textuais interdiscursivos, ambos interpretados como frases.

vezes permite deduzir o constituinte que se perdeu na deleção, o *relatum* e o antecedente se coincidem. Casos onde o *relatum* de WhP não está contido no antecedente são os seguintes:

(10) a. Houve uma festa ontem. Você sabe quem estava lá?

ANA estava lá, mas não sei quem mais.

b. Marcos cria alguns animais domésticos. Você sabe quantos cães e gatos ele cria?

Ele cria cinco GATOS, mas não sei quantos cães.

Nos casos em (10), as frases antecedentes não constituem respostas exaustivas às questões dadas contextualmente que as relacionem ao *relatum* da WhP no truncamento. O enfoque dado ao sujeito em (10a) ou ao objeto em (10b) nas sentenças que precedem o truncamento indicam que há alternativas dadas pelo discurso e reforça a noção de que a relação entre o antecedente e a frase elíptica pode ser estabelecida pelo contexto discursivo.

De certa forma, o *relatum* e o antecedente, caso coincida com o primeiro, formam o pressuposto, o subentendido que se extrai de um constituinte focalizado (nesse caso, o constituinte focalizado após a operação de elipse).

(11) a. Luís comprou [_F um livro], mas não lembro [_F qual] [_{IP-}].

b. Questão focal: O que você não lembra que Luís comprou?

c. Resposta: [_F O livro que ele comprou]

Pressuposto: Luís comprou um livro

Praticamente é possível elidir todo o constituinte de uma questão encaixada, exceto o pronome-wh (termo interrogativo), ou em alguns casos, como em inglês, exceto o pronome-wh junto com a preposição que o acompanha (truncamento preposicionado) - ver exemplo em (8).⁶ Em português, a preposição sempre jaz à esquerda do elemento-wh, conforme vemos em (12), criando um parâmetro diferente do inglês.

(12) João foi ao cinema. Adivinhe com quem [_{IP} -].

[_{IP} -] = João foi ao cinema.

Acreditamos que em português a preposição está amalgamada ao seu objeto, uma vez que, em operações de movimento, a preposição sempre a acompanha, não sendo possível o parâmetro ocorrente em inglês – ver (13e, f).

(13) a. Adriano saiu acompanhado, só não sei *com quem*.

b. Adriano saiu acompanhado. *Com quem* eu não sei.

c. *Com quem* Adriano saiu acompanhado eu não sei.

d. Eu não sei *com quem* Adriano saiu acompanhado.

e. **Quem* Adriano saiu acompanhado eu não sei com.

f. *Adriano saiu acompanhado, eu não sei *quem* com.

Os truncamentos preposicionados em inglês e em algumas línguas germânicas criam um padrão diferenciado para as elipses de WhP: os truncamentos

⁶ Ver a contraparte de (8) exemplificada em português em (33).

com preposições encahadas (*sluicing with stranded prepositions*), não existentes em português.

(14) a. Mary bought something. I wonder *who* for.

b. Sarah came home too late yesterday and I don't know *where* from.

c. They were talking a lot and I can't wonder *what* about.

O parâmetro das preposições encahadas chamadas em inglês de *P-stranding* é raro em outras línguas, mas comum em grupos de línguas germânicas como o inglês e algumas línguas nórdicas. Em inglês, é encontrada em três tipos de construções: frases relativas, frases pseudopassivas e em contextos de questões e frases-wh, incluindo, nesse último caso, as elipses em constituintes interrogados. O assunto será retomado no próximo capítulo.

A estrutura em (15) ilustra em pormenor o conteúdo do constituinte elíptico, assinalando como [t]i o vestígio ou cópia do constituinte interrogado movido para CP, de acordo com nossa tese baseada na abordagem que considera a elipse em WhP como resultante de movimento-wh.⁷

(15) Adivinhe [_{CP} quem] _{IP} -]?!

[_{IP} -] = eu convidei para jantar.

Em (15), na constituição do IP elíptico, a cópia ou vestígio do constituinte interrogado deslocado para C encontra-se entre colchetes.

⁷ As abordagens que estudam o licenciamento das elipses em WhP serão vistas no próximo capítulo.

No truncamento, a presença do constituinte interrogado na frase elíptica motiva que na frase antecedente haja uma expressão linguística não totalmente explicitada, com valor exato questionável. Essa expressão pode ocorrer explicitamente como em (16) ou implicitamente como em (17). Observe os termos em *itálico* nas frases antecedentes.

(16) a. Convidei *um amigo* para jantar. Advinha *quem* [IP -]?

[IP -] = eu convidei para jantar

b. *Alguns vestidos* vão ficar logo em saldo embora não possamos dizer exatamente *quais* [IP -].

[IP -] = vestidos vão ficar logo em saldo

(17) a. Luiz encontrou a impressora que queria comprar (*num local X*), mas eu não sei *onde* [IP -].

b. Ela diz que vai arrumar o quarto [*num momento X*]. Mas *quando* [-]

3.2 Mais bases para a distinção

O estudo de Merchant (2001) sobre elipses apresenta mais particularidades na sintaxe do truncamento

Segundo Merchant, o truncamento é um resquício de uma WhP, cujo material deletado representa uma frase que ocupa um nóculo mais abaixo da projeção mais alta. O movimento-wh primeiro projeta uma frase-wh para o Spec de CP (a posição periférica mais alta), que é então seguida pela elipse de TP.

(18) Jane just married someone, but I don't know [_{CP} who [_{TP} she just married]].

Há hipóteses alternativas que, conforme Simpson (2005), são agora comumente rejeitadas. A primeira é que a frase-wh é o objeto do verbo que o precede.

(19) a. ...mas não [_{VP} conhecemos [_{DP} quem]], semelhante a:

b. 'Não [_{VP} conhecemos [_{DP} João/o]].

Entretanto, nem sempre verbos possíveis no truncamento admitem DPs objetos.

(20) Alguém famoso veio para o jantar. Adivinhe quem.

b. *Adivinhe Maria/ a /?alguém.

Outra hipótese é de que a estrutura do TP elidido seria substancialmente diferente de qualquer frase antecedente.

(21) a. Alguém famoso veio para o jantar. Adivinhe [_{CP} quem [_{TP} era]].

b. Alguém famoso veio para o jantar. Adivinhe [_{CP} quem [_{TP} era]].

Porém, segundo Merchant (2001), em movimentos-wh, a deleção de um constituinte requer um TP paralelo, com estrutura semelhante ao seu antecedente. Neste caso, o TP elidido em (21) deve conter uma estrutura paralela ao seu antecedente indefinido (*indefinite phrase*).

Os casos também devem possuir distribuição paralela na relação entre o truncamento e seu antecedente. Para o exemplo a seguir em alemão em (22), o pronome interrogativo *wen* recebe um traço * de agramaticalidade porque não corresponde ao caso dativo, exigido pelo antecedente, especificamente pelo verbo em alemão *will* que requer um complemento no caso dativo, neste caso, *wem*.

(22) Er will jemandem schmeicheln, aber sie wissen nicht, [wem/*wen]

Ele quer alguém-DAT elogiar, mas eles não sabem quem-DAT/quem-ACC

“Ele quer elogiar alguém, mas eles não sabem quem”

Quanto à concordância de número, observamos que nos casos do português em que temos um pronome interrogativo variável quanto ao número (qual/quais), o núcleo do CP jaz em relação de concordância com seu antecedente, ao passo que elementos invariáveis (quem) encontra algumas restrições com antecedentes no plural.

(23) a. Temos um objeto aqui que será escolhido, mas não sei qual [IP -].

b. Temos alguns objetos aqui que serão escolhidos, mas não sei quais [IP -].

(24) a. Há uma pessoa que será dispensada, mas não sabemos quem [IP -].

b. Há pessoas que serão dispensadas, mas não sabemos *quem/quais [IP -].

[IP -] = * mas não sabemos quem serão dispensadas. [IP -] = mas não sabemos quais serão dispensadas.

3.3 Generalização de COMP em truncamentos

(25) Alguns têm vindo aqui sempre, embora não saibamos quem (*tem).

No exemplo em português em (25), a restrição ao auxiliar “tem” logo após o pronome interrogativo é explicado por um princípio formulado por Merchant (2003):

o chamado *Sluicing-COMP Generalization*, ou Princípio da Generalização de COMP em Truncamentos, que diz:

(26) No truncamento, nenhum não-operador material pode aparecer em COMP.

O termo ‘operador’ aqui se refere ao expoente fonológico da própria WhP, e ‘COMP’ significa, em geral, todo material dominado pelo CP mas não dominado pelo TP. A generalização em (26) rege alguns elementos no truncamento que não são parte da WhP em si: elementos movidos como clíticos, auxiliares, dentre outros (se eles se ligam a C ou à frase-wh), assim como elementos de base como os próprios complementizadores.

O primeiro conjunto, elementos movidos, podem ser ilustrados, de acordo com dados de Merchant (2003), pela falta da inversão sujeito-auxiliar (conhecido também como ‘Movimento de T para C’) em truncamento matriz nas línguas germânicas, como em (27) - que contem dados do inglês, frísio, alemão, holandês, dinamarquês, norueguês, sueco, Ídiche e islandês, nessa ordem.

(27) a. A: Max has invited someone. B: Really? Who (*has)?

b. A: Jelle hat ien útnoege. B: Soa? Wa (*hat)?

c. A: Max hat jemand eingeladen. B: Echt? Wen (*hat)?

d. A: Max heeft iemand uitgenodigd. B: Ja? Wie (*heeft)?

e. A: Max har inviteret en eller anden. B: Ja? Hvem (*har)?

f. A: Anna har invitert noen. B: Ja? Hvem? (*har)?

g. A: Anna har bjudit nǎgon. B: Ja? Vem (*har)?

h. A: Moyshe hotm emetsn ayngelodn. B: Nu? Vemen (*hot)?

i. A: Anna hefur boðið vini sínum. B: Er að? Hverjum (*hefur?)

Anna tem convidado amigo seu Verdade? Quem tem?

Outra questão semelhante também apresentada por Merchant (2003) vem dos clíticos de Wackernagel nas línguas eslávicas do sul da Europa como o esloveno. Esses clíticos habitualmente se cliticizam dentro da primeira WhP no Spec de CP como em (28a). Sob o truncamento, contudo, tais clíticos estão necessariamente ausentes, como visto em (28b).

(27a) a. Peter se je *sprasheval*, [_{CP} *kako*₁ *je*₂ [_{TP} *Shpela* *t*₂ *popravila* *t*₁]].

Peter REFL AUX *asked* *what* AUX *Spela* *fixed*

‘Peter se perguntava o que Shpela concertara’

b. Shpela je *popravila nekako*, a *nisem vprashal*, [_{CP} *kako* (**je*) <>].

Shpela AUX *fixed something* *but* NEG.I.AUX *asked* *what* AUX

‘Shpela concertou algo, mas eu não perguntei o quê’

3.4 Impossibilidade de efeitos-ilha

Uma das particularidades que mais caracterizam o truncamento é a ausência de efeitos-ilha na maioria das línguas em que ocorre. O efeito-ilha é criado a partir de uma sentença encaixada licenciada por um termo-wh, geralmente o

elemento focalizado nesses casos. O exemplo em (29) ilustra uma *wh-island*, ou uma ilha em uma frase-wh.

(29) João quer saber *ONDE Eric foi comprar o presente*.

Sintaticamente, ilhas-wh não são possíveis na elipse que forma o truncamento.

(30) a. ?? Paulo iria dizer quais estudantes foram ao acampamento, mas ele foi proibido de dizer *quais estudantes foram ao acampamento* [- truncamento, + ilha-wh].

b. Paulo iria dizer quais estudantes foram ao acampamento, mas ele foi proibido de dizer *quais* [+ truncamento, - ilha-wh].

Percebemos que, em (30a), a informação da frase antecedente repetida na WhP encaixada parece redundante, além de suprimir o efeito de truncamento. Mesmo que a sentença em (30a) gerasse um exemplo perfeitamente aceitável, ela não representa um caso de truncamento. Contrariamente, em (30b) há uma sentença aceitável, mas cuja elipse na frase interrogativa impede o ilhamento do pronome interrogativo, o que corrobora a impossibilidade de efeitos-ilha em elipses em WhP. Além disso, para além da redundância e aceitabilidade que determinam se uma frase contém truncamento ou não, os efeitos-ilha aplicados a algumas frases de truncamento não só lança dúvidas se elas são aceitáveis ou não, elas são claramente agramaticais.

(31) a. Alguns têm vindo sempre aqui de manhã, * mas não sei *quem tem vindo sempre aqui de manhã*.

b. Precisamos de alguns linguistas, mas não sei * *quando precisamos de alguns lingüistas*.

c. Alguns estudantes haviam viajado ontem, mas não sei * *quem alguns estudantes haviam viajado ontem*.

Ross (1969) foi um dos precursores no estudo deste fenômeno, observando que se um nóculo se move para fora da ilha, o resultado é uma sentença agramatical.

Quando a operação é feita com verbos de cópula, o termo que comumente licenciaria a elipse fica ilhado pela oração matriz e por um verbo de cópula.

(32) a. Estiveram aqui ontem, só não sei *quem* eram.

b. José deu um presente à Maria. Estou na dúvida *o que* era.

c. Paulo vai ao Rio, se bem que ninguém sabe *quando* ??(é).

d. João foge sempre que está com raiva. Advinha para *onde* *(é).

e. Ana faz um bolo gostoso sem açúcar, porém não sei como *(é).

Entretanto, como podemos ver em (32 c, d, e,f), nem todas as ocorrências de elipses em WhP permitem este efeito, criando efeitos agramaticais ou não muito aceitáveis quando aplicados. Em inglês, o efeito-ilha regido por verbos de cópula é aplicado ao complementizador [-wh] para mostrar a ilegitimidade de elipses licenciadas por elementos não interrogativos como *whether* – comparar (33a) e (33b).

(33) a. They say that John loves someone, but I don't know *who* it is.

b.*John knows that I went, but Mary doesn't know *whether* it is.

Alguns autores como Nishyama (1995) afirmam que o truncamento é originado a partir de uma regra de deleção de um expletivo como o sujeito *it* em inglês mais um verbo de cópula. Porém, se isso fosse verdade não originaria exemplos duvidosos ou agramaticais em português como (32 b, c, d) ou este outro exemplo do inglês.

(34) John is going to Paris. Guess *when/how/why* (*it is).

Concluindo este tópico, assumimos que em português os efeitos-ilha em truncamentos também são um referencial distintivo do fenômeno.

4. ABORDAGENS PARA O LICENCIAMENTO DE ELIPSES EM WHP

Canonicamente, Ross (1969) e Merchant (2001) afirmam que somente predicados que s-selecionam constituintes interrogativos e que c-selecionam CPs permitem o truncamento em WhP.

Tradicionalmente, os estudos da elipse no constituinte interrogado, em geral análises que presumem uma estrutura interna para a localidade das elipses, defrontam-se com duas abordagens:

(1) as análises que situam o truncamento como um movimento-wh seguido de elisão do IP, conforme Merchant (2001), Kim (1997), Takahashi (1994), Rosen (1976) e Ross (1969) e;

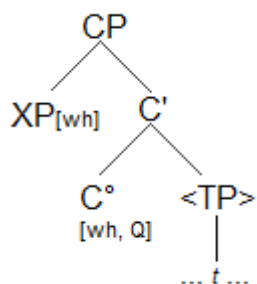
(2) as análise que situam o truncamento como um IP nulo licenciado por um Comp [+wh] em concordância com seu especificador, conforme Lobeck (1990; 1993; 1995) e Saito e Murasagi (1990).

4.1 Abordagem de movimento

4.1.1 Movimento-wh

A primeira abordagem originada em Ross (1967) e corroborada mais recentemente por Lasnik (2001) e Merchant (2001), dentre outros, analisa o truncamento como envolvendo um movimento de uma WhP para além de um constituinte sentencial (S, IP, ou TP), seguida pela deleção daquele nódulo, cuja derivação está esquematizada na árvore em (1), em que os colchetes entre ângulos em (2) representam a deleção ou, de forma mais neutra, englobam material não realizado foneticamente.

(1)



A partir do modelo em (1), a estrutura para o exemplo em (2) é a seguinte:

(2) Pedro está lendo um livro, mas eu não sei [_{CP} qual₁ C⁰ <[_{TP} ele está lendo t₁]>].

Em primeiro lugar, o apoio para tal derivação procede dos efeitos de conectividade. O resquício de WhP no truncamento mostra comportamento semelhante em muitos exemplos gramaticais diante de suas contrapartes em WhP

completas, não elípticas. Esses efeitos de conectividade⁸ procedem de efeitos de combinação, paralelismos preposicionais e fenômenos de vinculação, como mostram os exemplos em (3) e (4), que ilustram o paralelismo dos casos na relação entre o resquício de WhP e seu antecedente, em alemão.

- (3) Er will jemandem schmeicheln, aber sie wissen nicht, {*wer / *wen / wem}.
Ele quer alguém.DAT elogiar mas eles sabem não {quem.NOM quem.ACC quem.DAT}
 ‘Ele quer elogiar alguém, mas eles não sabem quem’
- (4) Er will jemandem loben, aber sie wissen nicht, {*wer / *wen / wem}.
Ele quer a alguém.ACC enaltecer, mas eles sabem não {quem.NOM quem.ACC quem.DAT}
 ‘Ele quer enaltecer a alguém, mas eles não sabem quem’

Conforme Merchant (2003), exemplos como os de cima são encontrados em todas as línguas de caso marcado.

4.1.2 Truncamentos preposicionados, paralelismo de preposições e o parâmetro P-Stranding

Em segundo lugar, corroborando a abordagem de movimento, Merchant (2003) afirma que há uma correlação entre a disponibilidade em certas línguas para o movimento de preposições encahadas (*P-Stranding*) e a possibilidade de truncamento de uma WhP sem uma preposição que corresponda a um correlato marcado por uma preposição.

De acordo com o princípio elaborado por Merchant (2001), em geral, uma língua L permitirá o encahamento de uma preposição se L permite o encahamento de preposição sob movimento-wh regular. Os fatos relevantes são dados aqui para línguas selecionadas de ambos os tipos. Vimos no capítulo anterior alguns

⁸ Em geral, nas elipses, os efeitos de conectividade são estabelecidos a partir da relação anafórica entre o material deletado e seu antecedente, ou em outras palavras, os efeitos de conectividade são em si os elementos anafóricos que permitem a retomada do constituinte elidido através do antecedente ou de seu *relatum*.

exemplos em português que a incluem o grupo de línguas que não permitem a ocorrência do parâmetro *P-stranding*.

Línguas que permitem o encahamento de preposição, segundo Merchant (2003):

(9) Inglês

a. Peter was talking with someone, but I don't know (with) who.

b. Who he was talking with?

(10) Frísio

a. Piet hat mei ien sprutsen, mar ik wyt net (mei) wa.

Piet has with someone talked but I know not with who

b. Wa ha Piet mei sprutsen?

Who has Piet with spoken

(11) Norueguês

a. Per har snakket med noen, men jeg vet ikke (med) hvem.

Per has talked with someone but I know not with who

b. Hvem har Per snakket med?

Who has Per spoken with

(12) Dinamarquês

a. Peter har snakket med en eller anden, men jeg ved ikke (med) hvem.

Peter has talked with one or another but I know not with who

b. Hvem har Peter snakket med?

Who has Peter talked with

Línguas que não permitem o enclalhamento, segundo Merchant (2003):

(13) Grego

a. I Anna milise me kapjon, ala dhe ksero *(me) pjion.

The Anna spoke with someone but not I know with who

b. * Pjon milise me?

Who she spoke with

(14) Alemão

a. Anna hat mit jemandem gesprochen, aber ich weiß nicht, *(mit) wem.

Anna has with someone spoken but I know not with who

B. * Wem hat sie mit gesprochen?

Who has she with spoken

(15) Ídiche

a. Zi hot mit emetsn geredt, ober ikh veys nit *(mit) vemen.

She has with someone spoken but I know not with who

b. * Vemen hot zi mit geredt?

Who has she with spoken

(16) Russo

a. Anja govorila s kem-to, no ne znaju *(s) kem.

Ana spoke with someone but not I know with who

b. * Kem ona govorila s?

who she spoke with

(17) Esloveno

a. Anna je govorila z nekom, ampak me vem *(s) kom.

Anna AUX spoken with someone but not I know with who

b. * Kom je govorila Ana s?

Who AUX spoken Anna with

(18) Búlgaro

a. Anna e govorila s njakoj, no na zman *(s) koj.

Anna AUX spoken with someone but not I know with who

b. * Koj e govorila Anna s?

Who AUX spoken Anna with

(19) Sérvio-croata

a. Anna je gorila as nekim, ali ne znam *(as) kim.

Anna AUX spoken with someone but not I know with who

b. * Kim je govorila Anna as?

Who AUX spoken Anna with

(20) Persa

A. Ali basi harf mi-zad ?ama ne-mi-dan-am *(ba) ki

Ali with someone talk but not know I with who

*Ki Ali bar harf mi-zad?

Who Aki with talk?

(21) Hebraico

a. Dani katav le-mishehu, aval anil o yode'a *(le-) mi

Dani wrote to someone but I not know to-who

b. * Mi Dani katav le

Who Dani wrote to?

(22) Basco

a. Ana-k norbait-ekin hitzegin zuen, baina ez dakit nor-*(ekin).

Ana-ERG someone-with talk-to AUX but not know who- with

b. * Nor hitzegin zuen –ekin?

Who talk to AUX with

Defendemos que o que Merchant propõe tem mais a ver com línguas que permitem o paralelismo de preposições e línguas que não permitem esse paralelismo. Ou seja, em línguas que permitem o paralelismo de PP na elipse em WhP, se o antecedente α é regido por uma preposição x , então β será regida pela mesma preposição, em que α corresponde ao antecedente e β à frase elíptica. Acontece que em línguas que permitem o parâmetro *P-Stranding* como o inglês e outras línguas germânicas citadas, esse paralelismo é possível.

Assim, propomos que o fato de as demais línguas não permitir o parâmetro *P-Stranding* é consequência direta da ausência do paralelismo de PP, ou seja, são línguas que não admitem o truncamento preposicionado e, por isso, o encahamento de preposições não é possível. Sobretudo, esse fato chama a atenção pelo seguinte: o português é uma língua em que o truncamento preposicionado é possível, o que significa a ocorrência de PPs paralelos na frase antecedente e na frase elíptica como em inglês, porém não admite preposições encahadas, igual às línguas que não acionam o parâmetro *P-Stranding*. Entretanto, a ausência de *P-Stranding* em português não elimina o paralelismo de PPs no truncamento, como ocorre nas demais línguas em que se observa essa ausência.

(23) João falou [_{PP} com alguém], só não sei [_{PP} com quem].

(24) Anna hat [_{PP} mit jemandem] gesprochen, aber ich weiß nicht, [_{PP} *mit wem].

O exemplo em (23) mostra em português um truncamento preposicionado com paralelismo de PPs, não possível, por exemplo, em alemão (24). Embora maior atenção sobre o fato seja necessária, por ora reiteramos que, apesar de certas línguas não admitir preposições encaixadas no truncamento, os dados apresentados por Merchant (2001) para as línguas em que impera a ausência do parâmetro *P-Stranding* parecem mostrar que tal fato está mais ligado à ausência de paralelismo, que conseqüentemente impede a ocorrência de um truncamento preposicionado. O fato do português então se torna singular, porque é uma língua que partilha com o inglês o paralelismo de PPs no truncamento, mas paradoxalmente, contrário ao inglês, não permite a preposição à direita do pronome interrogativo, ao fim da frase-wh elíptica.

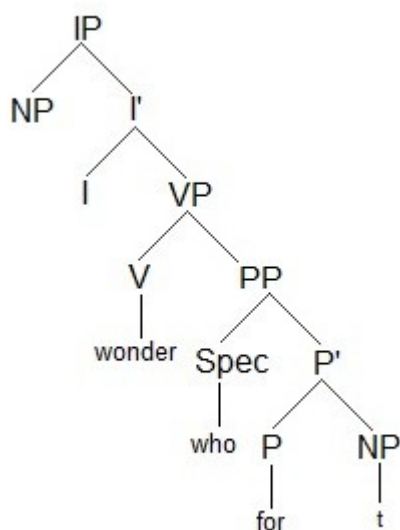
Uma provável explicação da possibilidade em inglês e da não possibilidade em português de *P-Stranding* em línguas de PPs paralelos é a proposta de Riemsdijk (1978). Em inglês o truncamento preposicionado tem duas variantes, sendo que em (25a) temos o padrão de paralelismo de PPs que ocorre em português.

(25) a. Mary bought something for one of us. I wonder for who

b. Mary bought something for one of us. I wonder who for.

Para Riemsdijk, opcionalmente a preposição pode se mover para o Spec de PP, sendo que nesse caso (25b) é derivado de (25a). É o que mostra a ilustração em (26).

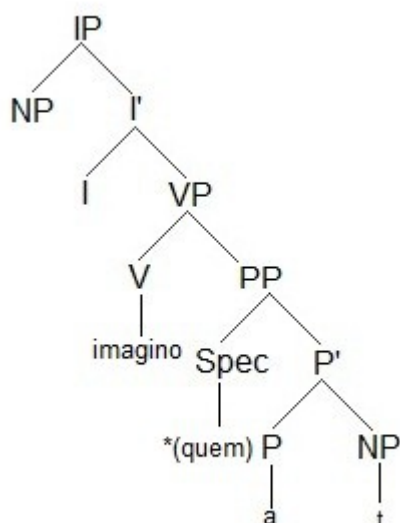
(26)



Assim, acreditamos que, se *P-Stranding* é resultante de movimento em línguas em que a frase-wh elíptica pode ser regida paralelamente pela mesma preposição que rege PP na frase antecedente, *P-stranding* só tem possibilidade de ocorrer nas línguas em que ocorrem PPs paralelos (como português e inglês). No caso, o movimento do objeto preposicional (o pronome interrogativo) para o Spec de PP permite o encaimento da preposição em inglês (25b), inversão não ocorrente em português, cujo pronome-wh não sobe para ocupar a posição de Spec de PP – ver essa impossibilidade ilustrada em (28), derivada do truncamento em (27).

(27) Entregou a encomenda [_{PP} a alguém]. Imagino [_{PP} [_P a quem]].

(28)



Á guisa de uma conclusão para esta questão, propomos assim que certas línguas não admitem *P-Stranding* porque não permitem o paralelismo de PPs, o que ocasiona a impossibilidade de truncamentos preposicionados. E em línguas que permitem esse paralelismo, mas ainda assim não admitem *P-Stranding*, como português, isso se deve ao fato de que o pronome-wh não pode se mover para a posição de Spec de P.

Tanto em inglês quanto em português também é possível outro padrão de truncamento preposicionado: aquele em que há a ausência de um PP paralelo na frase antecedente, que Merchant (2003) denomina de *swiping*,⁹ exemplificado a seguir.

(28) Ele permaneceu na sala menor, mas não sabemos [_{PP} até *quando*].

(29) They were arguing. Only God knows [_{PP} *what* about].

O reducionismo de Merchant (2003) porém leva-o a propor que *swiping* só é possível em línguas *P-Stranding*, o que nos levaria mais uma vez a excluir o português. Contudo, se considerarmos os exemplos em (28) e (29) como variações

⁹ Sem uma tradução que corresponda à exata ideia do termo em inglês, por enquanto.

de truncamentos preposicionados com a ausência de PPs paralelos, não fica difícil explicar mais uma vez a possibilidade de movimento de *what* em (29) para o Spec de PP, e o padrão de não-movimento do pronome-wh ser mantido para o português em (28). O termo *swiping* figuraria assim apenas como indicativo do que Merchant propôs originalmente para o inglês e outras línguas germânicas: a ausência de PPs paralelos mais a possibilidade de inversão da preposição no truncamento.

Por outro lado, as propostas para a análise deste fenômeno, pelo menos em inglês e para certas línguas germânicas de parâmetro *P-Stranding*, são muitas, mas não há um consenso estabelecido.

4.1.3 Efeitos de ligação

Em terceiro lugar, em apoio à abordagem de movimento, consta a possibilidade da ligação/vinculação de elementos em resquícios de WhP, como Lasnik (2001) mostra em (30) e (31):

(30) Every linguist criticized some of his₁ work, but I'm not sure how much of his₁ work <every linguist₁ criticized t >.

(31) Each of the linguists criticized some of the other linguists, but I'm not sure how many of the other linguists <each of them criticized t >

Enfim, os efeitos de conectividades vistos através dos paralelismos (combinação de casos, paralelismo em PPs e efeitos de vinculação) na distribuição entre as sentenças são diretamente levados em conta para a deleção no truncamento, uma vez que as restrições gramaticais que regulam os casos em frases-wh, a possibilidade de extrair uma WhP de uma PP, a ligação dentro de WhP

e o escopo atuam uniformemente como operadores em ambas as estruturas elípticas e não elípticas.

4.2 Abordagem do IP nulo

A segunda corrente de análise de truncamento que presume uma estrutura interna para a localidade das elipses é representada por Lobeck (1995) e Chunk et al. (1995).

Para esses autores, as elipses consistem em uma categoria nula concebida a partir do léxico que substitui após a operação na Estrutura-S/Spell-Out que acontece a partir de um marcador copiado do antecedente em LF. Seguindo esse pressuposto, o exemplo em (32) contém a derivação em que o *e* elíptico em (32a) foi substituído pelo material grifado em (32b)

(32) a. em Spell-Out:

Jack bought something, but I don't know [_{CP} What C⁰ [_{TP} e]].

b. em LF:

Jack bought something, but I don't know [_{CP} what C⁰ [_{TP} **Jack bought something**]].

Essas análises presumem que não há nenhum movimento no resquício de WhP. Este é gerado basicamente no Spec de CP e chega a ligar uma variável (suprida pelo termo indefinido interno para o TP copiado) somente em LF.

A motivação elementar para a abordagem de não-movimento vem do fato, notado por Ross (1969) de que o truncamento não licencia efeitos-ilhas – mais exatamente, que a frase WH no truncamento pode ser associada a uma variável que corresponde em posição a um correlato interno de uma ilha no TP antecedente.

Merchant (2003) relembra alguns casos de ilhas sintáticas na elipse-wh junto a sua agramaticalidade em inglês (algumas vezes com controles não elípticos) em (33) – (41).

(33) Ilha de frase relativa

- a. They want to hire someone who speaks a Balkan language, but I don't remember which.
- b. * I don't remember which (*Balkan language*) they want to hire someone [*who speaks__*].

(34) *Left-branch* (caso do adjetivo atributivo)

- a. She bought a big car, but I don't know how big.
- b. * I don't know how big *she bought* [*a __ car*].

(35) Ilhas de posição derivada (sujeitos, topicalização)

- a. A biography of one of the Marx brothers is going to be published this year — guess which!
- b. * Guess which (*Marx brother*) [*a biography of __*] is going to be

published this year.

(36) Efeitos do traço-COMP (Chung et al., 1995; Perlmutter 1971)

- a. It appears that someone will resign, but it's not yet clear who.
- b. Sally asked if somebody was going to fail Syntax One, but I can't remember who.

(37) Restrição de estrutura coordenada

- a. They persuaded Kennedy and some other Senator to jointly sponsor the legislation, but I can't remember which one. (Chung et al.'s 1995 (88b))
- b. Bob ate dinner and saw a movie that night, but he didn't say which.

(38) Adjuntos

- a. Ben will be mad if Abby talks to one of the teachers, but she couldn't remember which.
- b. * Ben will be mad if Abby talks to one of the teachers, but she couldn't remember which (*of the teachers*) *Ben will be mad [if she talks to ___]*.
- c. Ben left the party because one of the guests insulted him, but he wouldn't tell me which.

(39) Complementos nominais (Chung et al., 1995)

The administration has issued a statement that it is willing to meet with one of the student groups, but I'm not sure which one.

(40) Sujeito sentencial (Chung et al., 1995)

That certain countries would vote against the resolution has been widely reported, but I'm not sure which ones.

(41) Questão subordinada (Chung et al., 1995)

Sandy was trying to work out which students would be able to solve a certain problem, but she wouldn't tell us which one.

Em (33a), por exemplo, a frase-wh elidida encabeçada por *which* moveu-se para fora da frase relativa, paralela, interpretativamente, a sua contraparte agramatical não elíptica em (33b). A mesma explicação se aplica às ilhas restantes.

Se a sensibilidade à efeitos-ilha surge apenas de estruturas de movimento, como assumido nas abordagens de movimento, também é fato que as abordagens de não-movimento - empregando a cópia de LF, ou renunciando a estrutura como um todo, como Ginzburg e Sag (2000) fazem - dão conta imediatamente da ausência de efeitos-ilha no truncamento.

5. TRAÇOS DO CONSTITUINTE INTERROGADO E ESTRUTURAS AFINS

Nesta parte do trabalho, abordaremos as questões acerca da elipse no constituinte interrogado, ou truncamento, sob o aporte teórico minimalista de Chomsky. Além das abordagens já destacadas anteriormente, outra proposta é de que a elipse em WhP é resultante de movimento de foco. Assumimos esta abordagem preferencialmente, dado que nas análises mais recentes tanto a abordagem de movimentos tem sido a mais aceita, como também - acompanhando a evolução dos Princípios e Parâmetros de Chomsky que fez brotar o Programa Minimalista – o fundamento das análises tem sido a derivação das estruturas elípticas com base na seleção de traços.

Aqui analisamos dois traços essenciais às elipses em WhP: [+wh] que licencia a estrutura elidida, e [+foco], que sobretudo dá uma nova configuração às abordagens que justificam que a elipse em WhP é resultante de operações de movimento.

5.1 Foco em WhP

Tanto em português quanto em inglês, o truncamento só é permitido em frases interrogativas (WhP), de onde se origina a elipse no constituinte interrogado. Nossa ideia é de que isso ocorre porque tanto em português quanto em inglês os pronomes interrogativos concentram o foco da sentença ou recebem o traço [+foco], ou seja, se encontram inerentemente focalizados.¹⁰

Kim (2007) define foco como um traço formal representado por uma informação nova baseada em aspectos tônicos/prosódicos. Este traço acomoda tanto interpretação semântica, sendo portanto um traço interpretável na interface da LF, quanto interpretação fonético-fonológica, sendo desta forma um traço interpretável na interface da PF.

Apesar de alguns enfoques diferentes já desenvolvidos para a definição de foco, aqui assumimos o mesmo conceito de foco de Kim (2007): extração de informação nova na sentença. Na realidade, o conceito de foco sentencial na gramática gerativa, complementar à noção de pressuposto, tem como ponto de partida o próprio Chomsky (1971).

Para Chomsky, o foco é a informação que se extrai do elemento com acento nuclear ou estresse focal, ao passo que o pressuposto é a parte da sentença que resta ao substituírmos o foco por uma variável.

¹⁰ Entre os autores que defendem esta ideia para o inglês estão Horvath (1986), Rochemont (1986) e Stjepanovic (1995).

O elemento que responde a uma questão-wh, é em geral tomado como teste para identificar o foco informacional (F) da sentença (Chomsky, 1971; Jakendoff, 1972). Os exemplos são de Kato (2009).

(1) A: *O que* o ladrão levou?

B: O ladrão levou [_F o meu laptop]

Pressuposto: *O ladrão levou x*

(2) A: *O que* o ladrão fez?

B: O ladrão [_F levou o meu laptop]

Pressuposto: *O ladrão fez x*

(3) A: *O que* aconteceu?

B: [_F O ladrão levou o meu laptop]

Pressuposto: *Aconteceu x*

Observemos, segundo Kato (2009), que a mesma sentença pode ter diferentes focos, dependendo da pergunta contextual. Todas as frases que contém o acento nuclear ou estresse fonético (conceito a ser entendido melhor adiante) é também a frase que contém o foco.

5.2 Checando os traços [+foco] e [+wh]

Chomsky (1993) declara que traços fracos são invisíveis na PF, ou visíveis, mas apagados no componente da PF. A partir daí, entendemos que os traços fracos

na realidade são traços não interpretáveis. Traços interpretáveis na forma fonética (PF) como o traço-wh ou o foco possuem visibilidade na interface e, portanto, não podem ser apagados.

Reiterando os exemplos vistos no capítulo anterior, consideraremos primeiro os exemplos em inglês (Kim, 2007), para depois compará-los ao português.

(4) a. They say that John loves someone, but I don't know WHO

b. Mary bought something. I wonder for WHO.

c. Mary bought something. I wonder who FOR.

d. * Ralph knows that I went, but his wife doesn't know *whether*.

e. * Mary says that John will win the race, but I don't believe *that*.

f. * Someone has done the dishes, but I don't know the person *who*.

Vejamos alguns casos semelhantes em português.

(5) a. Eles indicaram algumas pessoas, só não nos contaram QUEM.

b. Estavam indo a algum lugar, mas não nos contaram para ONDE.

c. Ana trouxe um presente. Não sei para QUEM.

d. * Era necessário falarmos, mas ela não sabia *se*.

e. * Pedro foi aprovado, mas ninguém sabia *que*.

f. * Quem fez isso merecia aprovação, mas não conhecíamos a pessoa *quem*.

As palavras que receberam destaque nas frases acima – tanto em (4a, b, c) como em (5a, b, c), e mostradas em letras maiúsculas, indicam aquilo que Kim (2007) chama de estresse focal, e Kato (2009) de acento nuclear, de natureza fonética. Assim, *who* (4a), *for who* (4b) e *who for* (4c) em inglês, e *quem* (5a), *para onde* (5b) e *como* (5c) em português, formam constituintes que trazem novas informações com o estresse focal caindo no termo destacado nos exemplos.

Nos casos (4b) e (4c) do inglês e (5b) do português, os termos formados pela ordem preposição + pronome interrogativo (4a) ou pronome interrogativo + preposição (4b e 5b) formam um só constituinte indicativo do traço [+foco]. Em inglês, em truncamentos preposicionados, tanto a pronome interrogativo (4b) quanto a preposição (4c) podem carregar o estresse focal. Em português, essa posição só cabe ao pronome interrogativo (5b), até por causa da agramaticalidade absoluta de frases como (6), que como já provamos anteriormente, não é uma língua que aceita o parâmetro *P-stranding*, sendo inadmissível, dessa forma, que a preposição receba o estresse focal.

(6) * Estavam indo a algum lugar, mas não nos contaram onde PARA.

Isso quer dizer que a única ordem usual do português em truncamentos preposicionados, preposição + interrogativo, em contraste com o inglês que admite duas ordens, não permite que o estresse focal recaia sobre a preposição.

Nesses casos, Kim (2009), Rochemont (1986) e Chomsky (1972) lembram que o constituinte em foco pode ser maior do que o constituinte que carrega o estresse focal.

Assim, reiterando esse ponto, uma das diferenças entre o inglês e o português, conforme os exemplos vistos em (4), (5) e (6), é a possibilidade em inglês da preposição adjunta em truncamentos preposicionados receber o estresse focal, ou seja, nos casos da ordem pronome-wh + preposição - fenômeno que não é possível em português, uma vez que a preposição pode fazer parte do constituinte focalizado, mas a ordem usual do português (preposição + pronome-wh) a impede de receber o estresse focal.

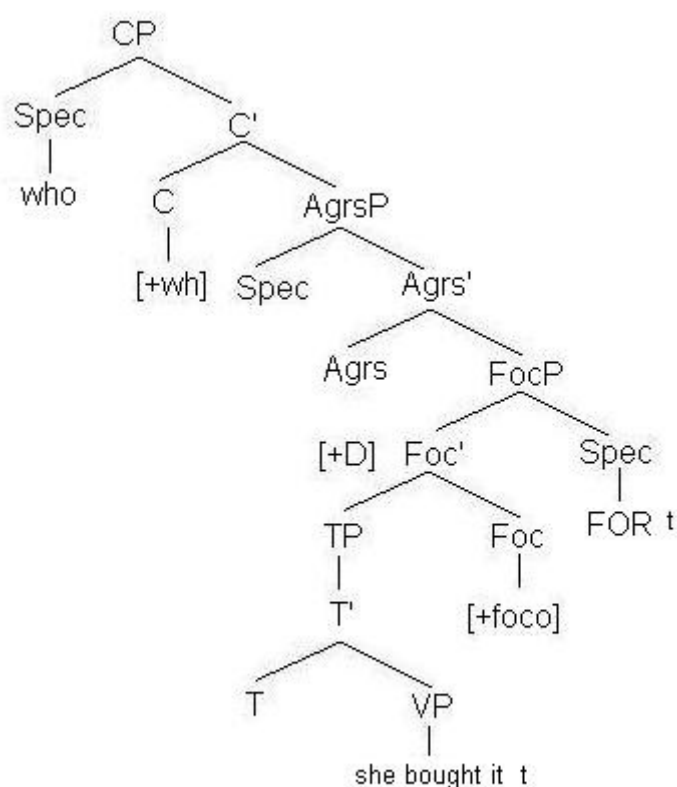
Em inglês, esse fenômeno é chamado de truncamento excedente (*spill-over sluicing*), ou seja, aquele identificado por truncamentos preposicionados da ordem pronome + preposição, que se configuram como exemplos fiéis do parâmetro *P-Stranding*.

Kim (2007) aponta o truncamento excedente como o constituinte interrogado que apresenta uma preposição encaçada ao fim da sentença (comparar 4c em inglês com a agramaticalidade de 6 em português).

Em truncamentos excedentes, a preposição ocupa o Spec de FocP quando se faz a checagem do [+foco] forte em Foc. A partir da recuperação do elemento elidido em (7), ilustramos esse fato na árvore em (8).

(7) Mary bought something. I wonder who she bought it FOR.

(8)



Primeiramente, o PP focalizado FOR *who* sofre movimento em direção à direita para o Spec de FocP de modo a fazer a checagem do [+foco] forte em Foc. Em seguida, apenas o elemento-wh sofre movimento em direção à esquerda com o objetivo de fazer a checagem do [+wh] forte em C. Se o TP encaixado é deletado em PF, então (4c) é derivado desse processo.

Por outro lado, percebemos que nos exemplos posteriores do inglês (4d, e, f), e do português (5d, e, f), tais como os termos condicionais *whether* e *se*, os complementizadores *that* e *que*, e os relativos *who* e *que*, não recebem ou carregam estresse focal. Isso quer dizer que, especificamente, a formação desses termos no léxico não admite o traço focal, sendo os mesmos caracterizados como a não acomodarem o traço focal; o fato indica que eles não acrescentam uma nova informação e, portanto, não possuem estresse focal.

Concluimos, neste ponto, o seguinte: os resquícios da frase-wh após a elipse no constituinte interrogado ou truncamento são necessariamente focalizados, ou recebem o traço [+foco].

Sobretudo, à luz da teoria de Chomsky (1993) e dos estudos de Kim (2007) e Merchant (2004, 2001) sobre elipses, assumimos que no truncamento em português:

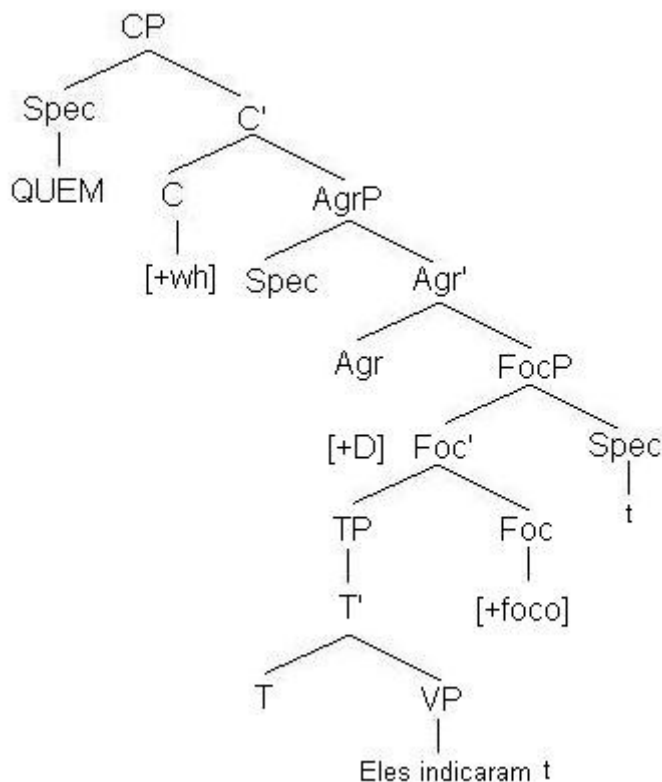
Primeiro, um traço forte a ser investigado causa uma derivação que se aloja na PF.

Em seguida, FocP situa-se acima do TP, sendo o truncamento uma deleção ou apagamento desse TP, com o resquício da WhP (neste caso, a presença do constituinte-wh encabeçando a elipse de IP) sendo movido para o Spec de FocP de modo a se fazer a checagem do [+foco] forte no núcleo de Foc.

Por fim, concluimos que [+wh] é forte tanto em inglês quanto em português, sendo em geral o traço licenciador/legitimador das elipses em ambas as línguas. Portanto, nas duas línguas, o resquício-wh das elipses será movido para o Spec de CP.

A árvore apresentada a seguir (9) analisa o exemplo (5a) em português, ilustrando o raciocínio defendido acima.

(9)



Primeiramente, o termo-wh focalizado *quem* se move para o Spec de FocP para verificar o [+foco] forte no núcleo de Foc. Em seguida, *quem* se move para o Spec do CP para verificar o [+wh] forte no núcleo de C. Se o TP sofre elisão em PF, então (5a) é uma derivação do traço forte alojada em PF.

Conforme o que está sendo proposto, a estrutura parcial de (5c),¹¹ é o seguinte:

(10) Não sei [_{CP} para QUEM₁ [_{FocP} [_{TP} [_{VP} Ana trouxe o presente t₁]] t'_i]

Nesse caso, o PP *para QUEM* se move primeiramente para o Spec de FocP para fazer a checagem do [+foco] forte no núcleo de Foc, e em seguida, movendo-

¹¹Nesse caso, a estrutura parcial é um truncamento reverso (cf. tópico 4.4).

se para o Spec do CP para fazer a checagem do [+wh] forte no núcleo de C. Se o TP for apagado em PF, temos como resultado (5c).

5.3 Frases-wh sem traços interrogativos

Conforme Kim (2009), algumas construções em inglês são caracterizadas como frases-wh uma vez que os elementos que a introduzem são os mesmos pronomes de frases interrogativas. Na verdade, tratam-se de frases relativas que coincidentemente são regidas por termos como *who* e *what* que em outras circunstâncias se comportam como pronomes interrogativos, mas não no caso de orações relativas. Assim, como reiteram Riemsdijk (1978) e Lobeck (1995), não ocorre truncamento em frases relativas, embora termos como *who* e *what* dêem essa impressão. Comparemos os exemplos (11a) e (1b), e (11c) e (11d).

- (11) a. * Someone has done the dishes, but I don't know the person *who* [_{IP} -].
 b. Someone has done the dishes, but I don't know *who* [_{IP} -].
 c. * John cooked something, but Mary didn't eat *what* [_{IP} -].
 d. John cooked something, but Mary didn't know *what* [_{IP} -].

Em português, de modo igual, apesar da coincidência entre alguns pronomes relativos e interrogativos, geralmente o termo relativo não licencia elipses, criando também construções agramaticais.

- (12) a. *Eu tinha um lugar para ir, mas ele não tinha um lugar *onde* [_{IP} -].
 b. *Enviamos uma lista a todos, mas não lembramos as pessoas a *quem* [_{IP} -].
 c. *Falei muito a todos, mas eles não entendiam o *que* [_{IP} -].

Sob a abordagem do *Agree*, Lobeck (1990; 1995) afirma que, embora o complementizador em relativas seja especificado pela concordância entre o núcleo e o especificador, esta concordância possui traço [-wh]. Em outras palavras, os truncamentos em (35a, c) e todos os de (36) são bloqueados, já que o complementizador não tem traços interrogativos.

5.4 Truncamento reverso

Pelos exemplos anteriores, é possível percebermos que as elipses de IP licenciadas em WH envolvem duas espécies de deleção ou apagamento: do argumento (13a, b) ou do adjunto (13c, d).

- (13) a. Estiveram aqui ontem, só não sei *quem* [_{IP} -].
 b. Foram aprovados, mas esquecemos *quais* [_{IP} -].
 c. Mandaram-no longe e não sabemos para *onde* [_{IP} -].
 d. João ganhara um prêmio, mas *quando* [_{IP} -]?

Um outro padrão de subentendidos em IP também é licenciado por termos interrogativos: o truncamento reverso. Observemos que (14a) equivale a (14b) e que (15a) equivale a (15b), sendo as primeiras estruturas reversas das segundas. (14a, b) são exemplos de truncamentos de adjuntos; (15a, b) envolvem truncamentos de argumentos.

- (14) a. Precisamos saber *quando* a entrevista será feita.

b. A entrevista será feita, mas não sabemos *quando* [_{IP} -].

(15) a. Ana não lembrava a *quem* enviara a carta.

b. Ana enviara a carta, mas não lembrava a *quem* [_{IP} -].

Entretanto, em inglês, segundo Giannakidou e Merchant (1998), os truncamentos reversos de adjuntos são legítimos, ao passo que os exemplos reversos de argumentos são agramaticais.

(16) a. The journalists want to know *when* the suspect will make an statement.

b. Frank wondered *which* day the guests would arrive.

c. *Lucy was wondering *who* might come to her party.

d.*The reporters asked *who* the FBI had arrested.

Giannakidou e Merchant (1998) explicam que a impossibilidade do inglês de licenciar argumentos em truncamentos reversos se deve ao fato de que, naquela língua, o traço [+wh] na cópia do IP não pode ser interpretado como um DP indefinido nulo. Assim, em línguas como o português, em que a presença do argumento em truncamentos reversos é possível, acreditamos que um DP indefinido nulo esteja disponível a partir de um traço [+wh] no IP copiado.

5.5 Tags interrogativas são truncamentos ou o quê?

As tags interrogativas ou perguntas-chave são aquelas que em inglês conhecemos como *question tags*, que se caracterizam como perguntas curtas, ao final de uma primeira sentença que no truncamento corresponderia à frase antecedente.

(17) a. Ele é cientista, **não é?**

b. Luisa não faz parte do conselho, **faz?**

Em wh-tags, a pergunta-chave é sempre feita por um pronome-wh, o que leva ao questionamento se *tags* licenciadas por termos interrogativos podem também ser consideradas como truncamentos.

(18) a. Você planeja viajar ou *o quê* _[IP-] ?

[IP-] = você planeja

b. Ele está explicando a seu pai, ou *a quem* _[IP-]?

[IP-] = ele está explicando

c. Pedro vai chegar amanhã, ou *quando*?

[IP-] = Pedro vai chegar

d. Paulo vai viajar de avião, ou *como*?

[IP-] = Paulo vai viajar

e. Se divertiram no parque aquático, ou *onde*?

[IP-] = se divertiram

Um dos primeiros pontos que aproximam wh-tags dos truncamentos é que a pergunta-chave é também licenciada por um pronome interrogativo, assim como no

truncamento a pergunta indireta é reduzida a uma WhP e a frase elíptica é licenciada pelo termo interrogativo – condição para que o traço [+wh] possa ser checado nos exemplos acima.

Aliás, se assumirmos o princípio defendido por Merchant (2003) que caracteriza o licenciamento da elipse no truncamento: um IP ou TP elidido tem um traço que só pode ser checado por [+wh, +Q] no núcleo de C (ou seja, um termo interrogativo), podemos constatar que as sentenças em (18) satisfazem essa condição. Outras formas de *question tags* são possíveis, como vemos em (17), mas sem um núcleo-wh, não podem ser caracterizadas como truncamento.

Nesse caso, o truncamento é considerado como deleção de IP ou, mais propriamente do TP, licenciado por um pronome interrogativo, em que o IP ou TP pode ser deletado se ele contém um *relatum* da frase antecedente, conforme também se deduz logo abaixo dos exemplos em (18).

Aplicando também a abordagem do movimento de foco, percebemos também a semelhança das wh-tags com as construções padrões de truncamento. Como sabemos, o foco em WhP pode ser verificado nos constituintes que contém o estresse focal, condição que as *wh-tags* em (18) também satisfazem plenamente. Aliás, Kenschaft (2010) e Merchant (2001) relembram que o foco presente em cada termo-wh corresponde a outro na frase antecedente e defendem uma regra essencial que determina a presença do traço: um IP só pode ser deletado em construções de constituintes interrogados se o constituinte deletado tiver um relação anafórica com a frase antecedente, explícita ou contextual. Assim,

aplicando essa regra a questão de traços [+foco] correspondentes ou paralelos em wh-tags aos exemplos em (18), temos os seguintes exemplos em (19).

- (19) a. Você planeja [_F VIAJAR] ou [_F O QUÊ]?
- b. Ele está explicando [_F a seu PAI], ou [_F a QUEM]?
- c. Pedro vai chegar [_F AMANHÃ], ou [_F QUANDO]?
- d. Paulo vai viajar [_F de AVIÃO], ou [_F COMO]?
- e. Se divertiram [_F no PARQUE AQUÁTICO], ou [_F ONDE]?

Os elementos em destaque na frase antecedente não só mostram que há paralelismo de foco, mas também paralelismo no estresse focal, representado pelas palavras grafadas em letras maiúsculas.

Além disso, os exemplos em (18) possuem correlatos em construções padrões de truncamento, tal como pode ser visto em (20).

- (20) a. Você planeja algo, mas não sei o quê.
- b. Ele está explicando a alguém, mas não sei a quem.
- c. Pedro vai chegar (em algum momento), mas não sei quando.
- d. Paulo vai viajar (de alguma forma), mas não sei como.
- e. Se divertiram (em algum lugar), e não sei onde.

Como afirmamos anteriormente, com base em Ross (1969) e Merchant (2003), somente predicados que s-selecionam constituintes interrogativos e c-selecionam CPs permitem o truncamento em WhP. À primeira vista, isso parece ser um problema já que nenhuma das wh-tags são licenciadas por um predicado. Entretanto, Merchant (2003) reconhece, mesmo implicitamente, que essas não são as únicas construções em que o truncamento pode ocorrer, conforme se demonstra em (21).

(21) a. Alguns desses problemas podem ser resolvidos, mas quais problemas é algo ainda não muito claro.

b. A: Luís estava falando misteriosamente com alguém.

B: Verdade? Com quem?

Em (21a), o elemento truncado *quais problemas* está na posição de sujeito. Em (21b), o truncamento é uma frase matriz. Assim, ao invés do que afirmam primeiramente Ross e Merchant ser um requerimento em todos os casos, preferimos interpretar que suas afirmações só são aplicadas quando o truncamento está em uma frase subordinada enquanto objeto de um predicado. Assim, nos exemplos em (18), igualmente a (21b), faz sentido analisar o elemento-wh ao final da sentença como uma frase matriz coordenada com a frase antecedente, usando-se a conjunção *ou*. Tal fato torna aquelas sentenças elegíveis para serem consideradas como casos de truncamento, ainda que não canônicos, da mesma maneira que os seus correlatos canônicos em (20).

Quanto à concordância de número, Kenschaff (2010) lembra que a marca da concordância de um verbo com um sujeito no truncamento é típica da marcação com

qualquer sujeito do CP, independente da marcação de WhP por si só. Isso pode ser visto em (20a). Por outro lado, dado que as sentenças em (18) não trata o elemento truncado como sujeito, essa característica é irrelevante para a relação entre truncamentos e wh-tags.

Outra característica defendida por Merchant (2003) para o truncamento é quanto à posição distribucional do constituinte-wh que resta na WhP após a elipse (o resquício). O autor fala que as posições disponíveis para o resquício-wh são sempre as mesmas disponíveis para CPs interrogativos completos, não as posições disponíveis para frases-wh não movidas.

Nesse caso, analisamos a posição dos constituintes interrogativos que licenciam as elipses em (18) como frases coordenadas. Essa posição encontra-se inteiramente disponível para um CP interrogativo completo, como observamos nas sentenças em (18). Logo, essas sentenças satisfazem a condição acima descrita por Merchant (2003), assemelhando-se aos truncamentos canônicos.

Um último princípio, o da “generalização do traço COMP em truncamentos” (ver secção 3.3), propõe que somente uma WhP, ainda que tão somente um resquício-wh, pode restar ou permanecer após a elipse. Em (22), esse princípio ou restrição também pode ser aplicada em tags interrogativas originadas de sentenças com verbos auxiliares.

- (22) a. Eles têm vindo sempre aqui, ou quem (*tem)?
b. Os estudantes haviam vencido o campeonato, ou o quê (*havam)?
c. Elas tinham chegado ontem, ou quando (*tinham)?

Enfim, as *tags* interrogativas licenciadas por pronome-wh ou wh-tags se comportam como truncamentos em muitos dos casos citados, o que nos faz assumir serem elas uma forma de truncamento não canônico.

5.6 Frases exclamativas vs. truncamento

Embora de uma forma geral se propague que frases interrogativas e exclamativas não se diferenciam sintaticamente, há algumas diferenças que precisam ser pontuadas. Dentre elas, Kim (2007) afirma que a matriz de frases exclamativas não permite a inversão sujeito-auxiliar (denominada na teoria de ‘movimento de T para C’), muito típica de frases interrogativas em inglês. Nesse caso, comparemos a agramaticalidade das frases exclamativas em (23) na inversão sujeito-auxiliar com as frases interrogativas em (24). Os exemplos são de Kim (2007).

(23) a. * How does admire she her sister!

cf. How she admires her sister!

b. * What courage does you have!

cf. What courage you have!

c. * What a fool is he!

cf. What a fool he is!

d. * How tall is Mary!

cf. How tall Mary is!

(24) a. * She admires her sister very much?

cf. Does she admire her sister very much?

b. * You have courage?

cf. Do you have courage?

c. * He is a fool?

cf. Is he a fool?

d. * Mary is very tall?

cf. Is Mary very tall?

Entretanto, em português, a inversão sujeito-auxiliar à primeira vista não é possível nem em frases exclamativas (25), nem em frases interrogativas (26), o que tornaria essa primeira distinção, pelo menos, não tão relevante para estabelecer diferenças entre as duas.

(25) * Como está você nervoso!

(26) * Está você nervoso?

Bem mais relevante é depois constatarmos que é possível encontrarmos situações em que é possível a inversão sujeito-auxiliar tanto em frases exclamativas (27), quanto em interrogativas (28).

(27) Que coisa horrível é isso!

b. Que gosto horrível tem isso!

(28) a. É ele a pessoa indicada?

b. Era você quem procurávamos?

Essa semelhança vista nos exemplos acima para os dois tipos de frases, portanto, não parece ressaltar, pelo menos em português, que há uma diferença entre elas quanto à inversão sujeito-auxiliar.

Uma segunda característica, porém, nos parece mais distintiva. Matrizes exclamativas são limitadas quase que aos pronomes *que* e *como* (29). Por outro lado, matrizes interrogativas compreendem todos os termos-wh (30).

(29) a. Que coisa horrível!

b. Como ele é alto!

c. * Quem falou isso!

d. * Quando Paulo saiu!

e. * Por que tal decisão!

f. * Onde aconteceu isso!

(30) a. Quem/O que o Luís procurava?

b. Quando/por que/onde/como/quanto ela comprou?

Outra distinção observada por Chen (1997) diz exatamente respeito ao truncamento. A autora observa a diferença entre o truncamento numa frase interrogativa como em (31), e a impossibilidade da elipse em WhP numa frase exclamativa como em (32a, b).

(31) Ela tem um metro e pouco, mas não estou certo exatamente quanto [IP -]

[IP -] = Ela tem.

(32) a. É incrível como ela aguarda as férias!

cf. Ela aguarda as férias. É incrível como * [IP -]!

* [IP -] = ela aguarda as férias

b. É incrível quanto esforço Ana faz!

cf. Ana faz muito esforço. É incrível quanto * [IP -]!

* [_{IP} -] = Ana faz muito esforço

Neste ponto, resta o questionamento por quê. Algo fundamental para responder a essa pergunta reside no traço [+wh]. Neste caso, assumindo que a concordância é um requisito para licenciar elipses (cf. Saito e Murasagi, 1990; Lobeck, 1990, 1995; Chen, 1997; Kim, 2007), podemos constatar que o traço [+wh] em frases interrogativas no TP nulo das frases encaixadas concorda com o elemento-wh no Spec de CP; por outro lado, não existe nenhum traço correspondente que permita concordância semelhante em frases exclamativas encaixadas. Isso sugere que não existe complementizadores exclamativos, pelo menos para línguas como português e inglês. Os exemplos para o inglês que confirmam esta assertiva podem ser vistos em (33), da autoria de Kim (2007).

(33) a. She longs for summer.

cf. * It's AMAZING how she longs for summer!

b. Mary is really tall.

cf. ?? It's AMAZING how tall Mary is!

c. Mary has great courage.

cf. ??/* It's AMAZING what courage Mary has!

d. Mary is a trooper.

??/* It's AMAZING what a trooper Mary is!

À semelhança do português, os exemplos em (33) indicam a dificuldade para se admitir a elipse no TP de frases exclamativas em inglês licenciada por um traço [+wh].

Quanto ao traço [+foco], a ausência de exemplos gramaticais aceitáveis e plausíveis relativos aos pronomes-wh para a maioria dos casos, em inglês ou em

português também comprometem a ocorrência de [+foco], dada a interdependência entre uma coisa e outra e já que também admitimos acima a dificuldade para uma elipse no TP de frases exclamativas.

5.7 Traço-E

Segundo Merchant (2003), um dos principais traços a ser considerado na operação de apagamento em elipses é o chamado traço-E,¹² que justifica inclusive a verificação do traço [+foco] em elipses interrogativas e em outras elipses em que [+foco] é encontrado (Elipses de VP, elipse lacunar, elipses focais, etc). Entretanto, um possível traço verificado em elipses com características que evocassem o ECP (Princípio das Categorias Vazias) até então seria considerado impossível, diante da posição de muitos gerativistas para os quais o ECP só seria aplicado a constituintes nulos, mas não a constituintes elididos – considerados, em geral, anáforas recuperadas a partir de seus antecedentes.

Já em 1995, Lobeck defendia a existência de uma categoria vazia em elipses. Neste caso, a elipse não seria representada somente pela relação anafórica entre o constituinte apagado e seu antecedente, embora essa relação anafórica seja necessária para o vazio deixado pela elipse. Com o advento do Programa Minimalista, Lobeck (1999), em uma revisão de seus estudos, vem a afirmar que a categoria vazia se move dentro do especificador do núcleo que licencia a deleção.

¹² Originado de *empty*, “vazio” em inglês.

Mais adiante, Merchant (2001), numa análise baseada em Lobeck (1995, 1999), propõe que a relação fundamental entre a categoria licenciada e o constituinte elidido deveria ser mantida, porém numa relação de núcleo para núcleo, ao invés de uma relação entre especificador e núcleo. Outra alternativa seria que esta relação fosse expressa entre traços. Um desses traços, conforme Merchant, que atuaria designadamente no constituinte apagado (observemos que, no truncamento, traços como [+wh] e [+foco] atuam especificamente no resquício da frase-wh após sofrer a operação de apagamento e não na elipse propriamente dita), seria o traço-E – traço que expressa a condição vazia da elipse e que atua diretamente sobre ela. Isso significa dizer que até recentemente as análises em estruturas elípticas sempre se preocuparam com o resquício – o componente material que restava após a elisão, mas nunca sobre o material apagado.

Na análise de Merchant (2001), o traço-E é caracterizado primeiramente por sua semântica particular, seguida do efeito fonológico, que desencadeia a deleção do IP (ou TP) - no caso do truncamento. É o traço-E que impõe o chamado “Princípio da Condição de Foco”.

(34) Condição de Foco em Elipses

Um constituinte α em XP_E pode ser apagado somente se há um XP_A , onde:

- (i) $\|XP_A\|^0$ também é ou implica um elemento de $\|XP_E\|^f$, e
- (ii) $\|XP_E\|^0$ também é ou implica um elemento de $\|XP_A\|^f$.

Em suma, a condição é de que material não dado não pode ser deletado.

Se E é definido em termos semânticos, então o licenciamento da elipse e a identificação dela como tal estão relacionados em um traço único, o que liga os dois

processos básicos responsáveis pela derivação das elipses (identificação e licenciamento), englobando a condição semântica que E lança sobre seus complementos e sobre a projeção máxima em cujo núcleo ele está localizado.

Mais adiante, Merchant (2004) sugere que mesmo diante das variações interlinguísticas (as que ocorrem de língua para língua) na configuração sintática do traço-E, o efeito fonológico deste traço pode ser considerado uniforme ou universal. Mais especificamente, Merchant afirma que o traço-E desencadeia o apagamento fonológico do complemento do núcleo onde fica situado. No caso do truncamento, assumido neste trabalho como uma deleção do TP, por exemplo, o traço-E pode ser sintetizado através da regra em (35) abaixo, primeiramente formulada por Merchant (2004). φ_{TP} em (35) significa o material que é dominado pelo nóculo do TP.

(35) Fonologia de E

$\varphi_{TP} \Rightarrow \emptyset/E_$

O traço-E desta forma acomoda uma instrução ao componente fonológico para que não separe o complemento do núcleo em que E está situado. Ou seja, o conceito de deleção ou apagamento pode ser entendido em termos da não pronúncia do material lexical ao nível da PF. Ao definir E em termos semântico, Merchant (2004) assume que não há desta forma nenhum processo sintático de apagamento envolvido.

Por outro lado, a informação de que o apagamento ocorrerá no componente da PF já se encontra alojado na sintaxe, já que o núcleo licenciador da estrutura elíptica se funde com o traço-E na sintaxe (Merchant, 2004). Neste caso, para o truncamento, por exemplo, é o complementizador C que se funde com E, ocasionando o apagamento. Mais especificamente, o traço-E está alojado no núcleo de I. Assumindo que a verificação dos traços envolve movimento, o traço-E se move

de I para C, sendo verificado juntamente a [+wh] e [+Q]¹³ no núcleo de C. Como resultado, é desencadeada a deleção do TP, originando o truncamento, a saber, a elipse do IP, ao nível da PF.

Merchant (2001) também observa que a subida do traço até o núcleo C licenciador não é o único meio para a derivação da configuração apropriada que legitima o apagamento da PF. Como alternativa, o traço-E poderia ser situado imediatamente em C para uma “*feature compatibility requirement*” (Merchant, 2001, p. 60), ou “requisito de compatibilidade de traço”.

Vamos relembrar um exemplo de truncamento em (36), com E indicando o traço que indicia o não preenchimento fonético do IP elidido.

(36) Convidei um amigo para jantar. Adivinhe *quem* [IP_E]?

Neste caso, definimos o traço-E como aquele que instrui a gramática da língua a apagar o material lexical situado abaixo do núcleo que acomoda E no nível da PF. Merchant (2001) propõe que o Princípio da Condição de Foco para o truncamento é definido tal como em (37)

(37) Condição de Foco em Elipses de TP

Um TP α pode ser apagado somente se α for e-DADO¹⁴

Assumindo mais uma vez que o truncamento é deleção de TP (IP), temos a estrutura elíptica em (38).

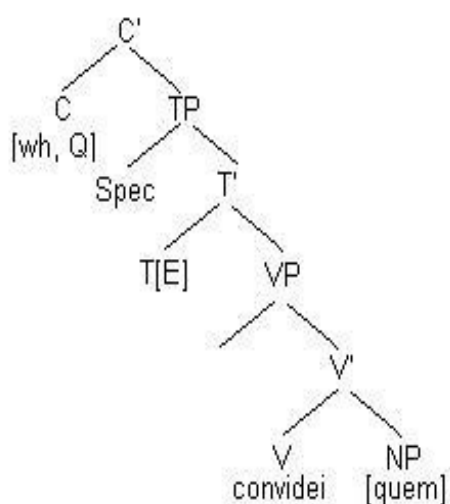
(38) Convidei um amigo para jantar. Adivinhe *quem* [~~convidei para jantar~~ t].

¹³ Traço incluído por Merchant (2001) em sua análise e representa um traço interrogativo mais geral, em oposição ao traço-wh, restrito a frases encabeçadas por pronomes interrogativos.

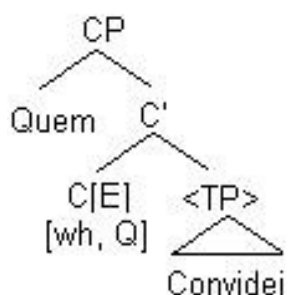
¹⁴ “e-DADO” ou “dado como elíptico”; o termo é originado da Condição *E-Giveness*, da autoria de Merchant (2001), princípio que aponta que uma expressão E só pode ser dada como elíptica se E tem um antecedente A saliente.

Mais especificamente, o traço-E no truncamento acompanha juntamente um traço mais específico, [+wh], restrito a constituintes-wh, e um traço interrogativo comuns a todos os constituintes interrogativos, [+Q]. Ele é gerado em T e se move para C, onde o traço-wh é verificado. Em C, E então comanda seu nóduo irmão <TP> para que seja deletado, conforme ilustramos nas árvores (39) e (40).

(39)



(40)



Quanto ao fato de que o traço-E obedece à condição de foco apreçada por Merchant em (34), sob o pressuposto de que material não dado não pode ser deletado, devemos assumir aqui que, para o truncamento, a ausência de elipse ocasionaria também a ausência de foco. Enquanto o traço-E é característica essencial da parte elidida, [+foco] é característica essencial do resquício de WhP após o apagamento do TP. Neste aspecto, defendemos que, além de seu aspecto semântico, E também ganha um aspecto sintático, pois se o traço-E determina o apagamento do complemento sintático do núcleo onde está situado, isso implica que nenhum material que recebe [+foco] pode permanecer dentro do domínio sintático de E. Desta forma, o traço-E e o traço focal interagem para gerar movimento e apagamento das elipses em WhP.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a análise, nesta pesquisa, dos traços das elipses em constituintes interrogados, seguimos a abordagem do Programa Minimalista de Chomsky (1995, 1994, 1993), no qual a seleção de traços na sintaxe assume uma destacada importância.

Na análise dos traços nas elipses de constituintes interrogados em português, situamos o truncamento como movimento de foco mais movimento-wh seguido de elipses de TP (*TP ellipsis*). Assumimos o posicionamento de que o traço que licencia o TP elidido é constituído duplamente de [+wh] e [+foco].

Antes, destacamos também neste trabalho o afã das discussões que situam duas abordagens para o fenômeno da elisão em WhP: ela é origem de movimento-wh ou se trata de um IP nulo? Claramente nos posicionamos a favor da primeira abordagem como ponto de partida para a nossa análise.

Reiterando os resultados de nossa análise, queremos lembrar alguns pontos já anteriormente destacados a respeito da análise do traço-wh e do traço focal nos truncamentos em português: a) um traço forte a ser investigado causa uma derivação que se aloja na PF; b) que FocP situa-se acima do TP e que o truncamento é uma deleção ou apagamento desse TP, com o resquício da WhP sendo movido para o Spec de FocP de modo a se fazer a checagem do [+foco] forte no núcleo de Foc; c) que [+wh] é forte tanto em inglês quanto em português, constituindo-se no traço que licencia as elipses em constituintes interrogados.

Portanto, em ambas as línguas, o resquício-wh das elipses será movido para o Spec de CP.

Outro ponto a não ser esquecido é quando propomos que certas línguas não admitem *P-Stranding* porque não permitem o paralelismo de PPs, o que ocasiona a impossibilidade de truncamentos preposicionados. E em línguas que permitem esse paralelismo, mas ainda assim não admitem *P-Stranding*, como o português, isso se deve ao fato de que o pronome-wh não pode se mover para a posição de Spec de P.

Além disso, em estruturas semelhantes ao truncamento ou em casos de truncamento não canônicos, como as frases exclamativas e as *tags* interrogativas, podemos concluir que elas também partilham dos mesmos traços partilhados pelo truncamento canônico, podendo ser consideradas variantes do mesmo.

Por fim, na análise do Traço-E, vimos que E é essencial para o Princípio da Condição de Foco em Elipses, pois se o traço-E causa o apagamento do complemento sintático do núcleo em que está situado, o fato implica que nenhum material que recebe [+foco] pode permanecer dentro do domínio sintático de E, resultando que o traço-E e o traço focal interagem para gerar movimento e apagamento da elipse em constituintes interrogados.

7. REFERÊNCIAS

- BRUCART, José Maria. *La ellipsis*. In: BOSQUE; DEMONT (Orgs.), 1999.
- CHEN, D. *A look at sluicing in exclamative constuctions*. Ms., University of Connecticut, 1997.
- CHOMSKY, Noam. On phases. In: FREIDIN, Roger.; OTERO, Carlos Peregrín.; ZUBIZARRETA, Maria Luisa (Eds). *Foundational issues in linguistic theory. Essays in honor of Jean-Roger Vergnaud*. Cambridge, Mass: MIT Press, 2008.
- CHOMSKY, Noam. Beyond explanatory adequacy. In: BELLETTI, Adriana (Ed). *Structures and beyond. The cartography of syntactic structures*. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- CHOMSKY, Noam. Derivation by phase. In: KENSTOWICZ, Michael. *Ken Hale: a life in language*. Cambridge, Mass: MIT Press, 2001.
- CHOMSKY, Noam. Minimalist inquiries: the framework. In: MARTIN, Roger.; MICHAELS, David.; Uriagereka, Juan. (Eds). *Step by step: essays on minimalist syntax in honor of Howard Lasnik*. Cambridge, Mass: MIT Press, 2000.
- CHOMSKY, Noam. *The minimalist program*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1995.
- CHOMSKY, Noam. Bare phrase structure. In: *MIT Occasional Papers in Linguistics*, 1994.
- CHOMSKY, Noam. A minimalist program for linguistic theory. In: HALE; KEYSER (Eds.). *The view from building 20*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1993.
- CHOMSKY, Noam. *Studies on semantics in generative grammar*. The Hague: Mouton, 1972.
- CHOMSKY, Noam. Deep structures, surface structure and semantic interpretation. In: STEINBERG, D; JAKOBOVITS, L. (Eds). *Semantics: an interdisciplinary reader in philosophy, linguistics and psichology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1971.

CHUNG, Sandra; LADUSAW, William; McCLOSKEY, James. Sluicing and logical form. In: *Natural Language Semantics* 3 239-282, 1995.

CLARA, Daniela. *A aquisição da elipse nominal em português europeu: produção e compreensão*. Dissertação de mestrado, Universidade Nova de Lisboa, 2008.

CYRINO, Sonia. Algumas questões sobre a Elipse de VP e Objeto Nulo em PB e PE. In: GUEDES; BERLINCK; MURAKAWA (Orgs.). *Teoria e análise lingüística: novas trilhas*. Araraquara – SP: Laboratório Editorial FCL/UNESP, Cultura Acadêmica, 2006.

HORVARTH, J. *Focus in the theory of grammar and the syntax of Hungarian*. Dordrecht: Foris, 1986.

GIANNAKIDOU, Anastasia; MERCHANT, Jason. Reverse sluicing in English and Greek. In: *The linguistic review* 15, 233-256, 1998.

JAKENDOFF, Ray. *Semantic interpretation in generative grammar*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1972.

KATO, Mary. Mudança de ordem e gramaticalização na evolução das estruturas de foco no Português Brasileiro. In: *Estudos Lingüísticos*, São Paulo, (38)1: 375-385, jan-abr, 2009.

KATO, Mary. The distribution of null and pronominal objects in Brazilian Portuguese. In: ASHBY; MITHUM; PERISSINOTO; RAPOSO (Orgs.). *Linguistics perspectives on romance languages: selected papers from the XXI Linguistic Symposium on Romance Languages*, 22-235, Amsterdam, John Benjamins, 1993.

KENSCHAFT, Ed. *Are wh-tag questions sluicing, or what? S/I, s/e*, 2010.

KIM, J. S. *Sluicing in English*. University of Connecticut at Stors, 2007.

KIM, J. S. *Syntactic focus movement and ellipsis: a minimalist approach*. University of Connecticut at Stors, 1997.

LASNIK, Howard. When can you save a structure by destroying it? In: KIM, M.; STRAUSS, U. (Eds). *Proceedings of the North East Linguistic Society* 31, 301-320. Graduate Linguistics Students Association: Amherst, Mass. 2001.

LOBECK, Anne C. VP Ellipsis and the minimalist program: some speculations and proposals. In: LAPPIN; BENMAMOUN (Eds). *Fragments: studies in ellipsis and gapping*. Oxford/New York: Oxford University Press, 1999.

LOBECK, Anne C. *Ellipsis: functional heads, licensing and identification*. New York: University University Press, 1995.

LOBECK, Anne C. Strong agreement and identification: evidence from ellipsis in English. In: *Linguistics* 31, 777-811, 1993.

LOBECK, Anne C. Functional heads as proper governors. In: NELS 20, 348-362, 1990.

LÓPEZ, Luis. VP Ellipsis in Spanish and English and the features of the Aux. in: *Probus* 11(2), 263-297, 1999.

MARTINHO, Fernando. *Gramática, vazio e subentendido: sobre algumas construções elípticas em português*. Universidade de Aveiro, 1999.

MARTINHO, Fernando. *A elipse nominal em português e francês* (Dissertação de Mestrado em Lingüística Portuguesa Descritiva), Faculdade de Letras, Universidade do Porto, 1998.

MARTINS, Ana Maria. Enclisis, VP-deletion and the nature of sigma. In: *Probus* 6(2/3): 173-205, 1994.

MATOS, Gabriela. Construções elípticas. In: MATEUS, Maria Helena Mira; et al. *Gramática da língua portuguesa*. 5. ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.

MATOS, Gabriela. *Construções de elipses do predicado em português: SV nulo e despojamento*. Tese de doutoramento, Universidade de Lisboa, 1992.

MERCHANT, Jason. Ellipsis. In: ARTEMIS, A.; KISS, T. *Syntax: an international handbook*. 2nd edition. Berlin: Mouton de Gruyter, 2009.

MERCHANT, Jason. Fragments and ellipsis. In: *Linguistics and Philosophy* 27.6: 661-738, 2004.

MERCHANT, Jason. *Sluicing*. Syncom Case 98, University of Chicago, 2003.

MERCHANT, Jason. *The syntax of silence: sluicing, islands and the theory of ellipsis*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

NYSHIAMA, K. Sluicing without wh-movement. In: *Cornel Working Papers in Linguistics 13*, 1995.

RAPOSO, Eduardo. *On the null objects construction in European Portuguese*. In: JAEGLI; SILVA-CORVALÁN (Orgs.), 1986.

RIEMSDIJK, H. C. V. *A case study in syntactic markedness: the binding nature of prepositional phrases*. Dordrecht: Foris, 1978.

ROCHEMONT, M. S. *Focus I generative grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 1986.

ROSS, John R. Guess who. In: BINNICK, R.; DAVISON, G. G.; MORGAN, J. (Eds). *Papers from the 5th Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society*. Chicago: Chicago Linguistic Society, 252-286, 1969.

ROSS, John R. *Constraints on variables in syntax*. Ph. D. dissertation, MIT, 1967.

SAITO, M.; MURASAGI, K. N'-deletion in Japanese. In: *UConn Working Papers in Linguistics 3*, 87-107, 1990.

SCHWABE, Kerstin. Sluicing phenomena. In: *ZAS Papers in Linguistics 24*, 145-166, Universität Leipzig/ZAS Berlin, 2001.

STJEPANOVIC, S. *Movement of wh-phrases in Serbo-Croatian matrix clauses*. Ms., University of Connecticut, 1995.

